

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS

RAIMUNDO MEDEIROS DE SOUSA

**EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL E COMUNICAÇÃO: AS AVENTURAS DE
TRÊS JOVENS AMAZONENSES.**

Tefé/AM
2019

RAIMUNDO MEDEIROS DE SOUSA

**EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL E COMUNICAÇÃO: AS AVENTURAS DE
TRÊS JOVENS AMAZONENSES.**

Dissertação apresentada como parte integrante das exigências do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, no Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo

Tefé/AM
2019

Catálogo na fonte

Elaboração: Sásghala Maciel CRB11/673 AM

S725e

Sousa, Raimundo Medeiros de

Emancipação intelectual e comunicação: as aventuras de três jovens amazonenses / Raimundo Medeiros de Sousa; orientador Guilherme Gitahy de Figueiredo. -- Tefé: [s.n.], 2019.

93fs.; fig.; 30 cm + 1 CD-Rom

Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas). Centro de Estudos Superiores de Tefé. Universidade do Estado do Amazonas, 2019.

Inclui referências bibliográficas.

1. Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas 2. Emancipação intelectual 3. Socialização dos meios de comunicação – Amazonas I. Figueiredo, Guilherme Gitahy de II. Título.

CDU 308(811.3)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – www.uea.edu.br

Biblioteca Setorial de Artes e Turismo

Av. Leonardo Malcher, 1728 – Ed. Professor Samuel Benchimol

Centro – CEP 69010-170 – Manaus-AM.

Raimundo Medeiros de Sousa

Emancipação intelectual e comunicação: as aventuras de três jovens amazonenses.

Apresentação final da dissertação em 30 de Maio de 2019 à banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo - Orientador.
Universidade do Estado do Amazonas.

Elena Nava Morales – Membro Externo.
Universidade Nacional Autónoma do México – UNAM.

Ana Claudeise Silva do Nascimento – Membro Interno.
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Patrícia Carvalho Rosa – Suplente Membro Externo.
Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM.

Marília de Jesus da Silva e Souza – Suplente Membro Interno.
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

À

Ester Medeiros de Sousa.

Manoel Ramos de Sousa (in memorian)

Nelziele de Paula Ribeiro

Samuel Ribeiro de Sousa

Manoel Ramos de Sousa Neto

RESUMO

Por muito tempo a emancipação intelectual de sujeitos sociais vem sendo discutida a partir de diversas realidades e experiências específicas. Propomo-nos entrar nesse debate a partir do relato de três jovens acerca de suas experiências nos canais de comunicação alternativos estabelecidos na cidade de Tefé, município do interior do Estado do Amazonas, localizado na Região Norte do Brasil. Uma aventura intelectual construída a partir da socialização dos meios de comunicação: 1. jornal Pescadores de Notícias, confeccionado a partir de um projeto de pesquisa e extensão, uma parceria entre universidade e escola; 2. O programa Nas Batidas da Samaúma, que foi ao ar pelas ondas da rádio Xibé, uma rádio amadora transmitida diretamente de um centro universitário e 3. O coletivo Voz da Ilha que levou ao ar uma rádio com o mesmo nome. As rádios em questão não são oficiais do ponto de vista do Estado, pois não possuíam permissão para o funcionamento. Objetivo desse trabalho é descrever a partir das experiências desses canais de comunicação como se configuraram localmente os processos de emancipação intelectual de três jovens envolvidos nesses movimentos, de sua concepção e realização. Esse trabalho é um processo etnográfico conforme Ribeiro (1999), Velho (1987) e Narayan (1993), utilizando como técnica a história oral segundo Thompson (1992). Os conceitos utilizados abordam emancipação intelectual e emancipação intelectual nos meios de comunicação. O trabalho propõe caminhos dialógicos para discutir a emancipação intelectual nas mídias de comunicação, a partir das teorias de Rancière (2018), Benjamin (2003), Brecht (2003), Freire (2016) e Enzensberger (2003).

Palavras-chaves: Emancipação intelectual, Socialização dos meios de comunicação, dialogicidade, Amazonas.

Abstract

For a long time the intellectual emancipation of social subjects has been discussed from various realities and specific experiences. We propose to enter into this debate from the experiences of alternative communication channels created in the city of Tefé, a municipality in the interior of the State of Amazonas, located in the Northern Region of Brazil. Experiences that sought to minimize distances between emitters and receivers through: 1. Newspaper Pescadores de Notícias, made from a research and extension project, a partnership between university and school; 2. The Sambaúma Beats program, which aired by radio waves from Xibé and 3. The collective Voice of the Island that aired the radio with the same name. The radios in question are not official from the point of view of the State, since they were not allowed to operate. The objective of this work is to think with the experiences of these communication channels as if they were locally configured the processes of intellectual emancipation of three young people involved in these movements, of their conception and accomplishment. This work is an ethnographic process according to Ribeiro (1999), Velho (1987) and Narayan (1993), using history as the technique according to Thompson (1992). The concepts used address intellectual emancipation and communication. The work proposes dialogical ways to discuss intellectual emancipation in the media of communication, from the theories of Rancière (2018), Freire (2016) and Enzensberger (2003).

Keywords: Intellectual emancipation, Socialization of the media, dialogicity, Amazonas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL E COMUNICAÇÃO.....	17
1.1. Emancipação intelectual e o acesso aos meios de produção de intelectualidade	20
1.2. Emancipação intelectual pelas ondas do rádio	22
1.3. Emancipação intelectual e dialogicidade.....	24
1.4. Emancipação intelectual e socialização dos meios de comunicação	27
2. A AVENTURA INTELECTUAL DE TRÊS JOVENS AMAZONENSES.....	31
1.2.O reencontro.....	33
2.3. Os Pescadores De Notícias e o Solimões.....	36
2.5. A Voz da Ilha	59
2.6. Entre escola, quintais, canoas e comunidades: o que ainda permanece?	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIA	79

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos a aventura intelectual de três jovens, moradores do bairro do Abial, em Tefé, município do Estado do Amazonas, localizado na Região norte do Brasil, que são eles: Ismaely, Lucas e Márcia. Os fatos aqui descritos aconteceram entre os anos de 2009 e 2010. Nesse período, Ismaely, Lucas e Márcia tinham em média dezesseis anos de idade. Eram jovens de atuação discreta no bairro onde moravam, de famílias de baixa renda que tinham como principal fonte de renda a agricultura de subsistência, a pesca não profissional e o comércio do que produziam. Eles passavam boa parte do dia na Escola Estadual Getúlio Vargas, e naquele período eles deixaram o Ensino Fundamental para adentrarem no Ensino Médio, na mesma escola.

Foi nesse espaço de construção formal de intelectualidades e suas interações que eles se descobriram como pessoas de potencialidades, descobriram algumas estruturas de organização cidadã, como movimento estudantil secundarista, movimento acadêmico e organização comunitária. Nesse contexto eles iniciaram seus processos de emancipação enquanto sujeitos de sua sociedade, sujeitos de dotados de intelectualidades, processos a partir de suas individualidades e coletividades, da socialização de meios de comunicação, de projetos de iniciação científica e extensão universitária, na nucleação de seu próprio coletivo e na práxis daquilo que construíram, individual e coletivamente.

Muitos autores já se debruçaram teorizando sobre a emancipação de sujeitos de uma sociedade, construindo uma tradição que ao longo do tempo vem se consolidando. Um desses teóricos é Joseph Jacotot (1770-1840), professor de francês e filósofo educacional. Para ele, um membro de uma sociedade se torna sujeito construtor de sua própria existência, quando esse é capaz de emancipar-se intelectualmente. Em outras palavras, é pela emancipação de seu intelecto que o indivíduo se torna sujeito de si próprio. É pela emancipação de seus processos de construção de conhecimento que o indivíduo é capaz de aprender e ensinar aquilo que ele próprio ignora, um processo construído a partir da declaração de igualdade entre as inteligências, o que deu origem ao Ensino Universal, teoria construída por Jacotot no final do século XIX (RANCIÈRE, 2018).

Esse trabalho tem como ponto de partida as ideias de Joseph Jacotot sistematizada por Rancière (2018) em sua obra intitulada como: O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. A teoria da emancipação intelectual criada por Joseph Jacotot, parte do princípio que todas as pessoas têm inteligência igual e seu desempenho se revela em diferentes graus, coercitivamente pela atenção e vontade. Não era interesse de Jacotot comprovar que todas as inteligências são iguais ou fazer com que as pessoas aceitem essa declaração de modo impositivo, mas ele pretendia discutir o que os homens seriam capazes de fazer a partir de tal afirmação.

Mulheres e homens nascem emancipados: eles desenvolvem sua capacidade motora; aprendem a se comunicar e interagir com o mundo a sua volta, apresentando grau altíssimo de atenção e vontade; aprendem a falar a língua materna, seja lá qual for, simplesmente pelo seu próprio esforço, sem mestres explicadores e sem aulas expositivas. A criança aprende tudo com autonomia porque é emancipada intelectualmente. Para ela não há barreiras que limitem sua curiosidade. (RANCIÈRE, 2018).

No entanto, o nível de atenção e vontade de um indivíduo pode diminuir ao longo de sua vida, tornando-o dependente das explicações que outros possam lhe oferecer, limitando sua atenção às ordens daquele que lhe explica, como nas muitas salas de aula. Essa é a palavra de ordem em muitas instituições de ensino, que deixa clara a desigualdade entre as pessoas e suas inteligências: existem os que detêm o conhecimento e aqueles que nada sabem, a menos que lhes seja ensinado. A convicção da existência da desigualdade entre as inteligências desvia o homem do seu movimento inicial de quando criança: a emancipação intelectual. Homens e mulheres nascem emancipados e podem deixar de ser ao longo da vida quando se convencem de que existem os dotados de inteligências e aqueles que nada saberão sem a explicação dos primeiros. (RANCIÈRE, 2016).

Freire (2016) pensa a emancipação do homem a partir de sua análise das relações de dominação que se apresentam na sociedade e que tratam o homem como objeto de outro homem, uma relação que desfigura o homem e o desumaniza, a relação: opressor x oprimido. Assim, a emancipação dos homens acontece na busca de superar as reproduções das práticas de dominação existentes entre si. Dessa forma, a emancipação do homem é um

processo contínuo de ação-reflexão-diálogo: a dialogicidade. Ação que gera reflexão, reflexão que muda a ação, e assim por diante. Então, a dialogicidade se torna um processo sem fim, capaz de emancipar os homens, construir novas histórias e mudar o mundo.

Benjamin (1994) compreendia a emancipação do homem a partir da socialização dos meios de produção intelectual como, a imprensa, o rádio, o cinema, etc. Pois, segundo ele, os meios de comunicação também são meios de produção, não uma produção de riqueza material, mas uma produção intelectual. Dessa forma, por meio dos meios de comunicação, também o operário, produtor de riquezas da sociedade, pode se emancipar e produzir suas próprias intelectualidades.

Já Brecht (2003) e Enzensberger (2003) também conduzem a discussão da emancipação do homem pelo acesso aos meios de comunicação, mas não somente ao acesso da mídia eletrônica, mas também pelo acesso a sua técnica de sua construção. Para eles, com socialização coletiva dos meios de comunicação, o homem pode falar de suas coisas e não repetir os interesses de outros, pode discutir suas ideias, construir ações e refletir sobre elas.

As teorias conhecidas acerca da emancipação intelectual e as investigações realizadas no pré-campo nos conduziram a uma pergunta de partida: como acontece a movimentação dos sujeitos sociais em busca de sua emancipação intelectual pela socialização dos meios de comunicação?

Ainda no pré-campo identificamos entre muitos relatos do Centro de Mídia Independente de Tefé, os depoimentos de Ismaely, Lucas e Márcia. Três trajetórias marcadas por diversas vertentes, uma emaranhada teia tecida entre escola e universidade por meio projeto de extensão e pesquisa, o que possibilitou a construção do jornal “*Pescadores de Notícias*” na Escola Estadual Getúlio Vargas, localizada no bairro do Abial na cidade de Tefé/AM, no ano de 2009.

Nesse período eles tiveram acesso à rádio Xibé, que lançava suas ondas a partir das dependências do Centro de Estudos Superiores de Tefé. Nessa rádio, Ismaely, Lucas e Márcia levaram ao ar o programa *Nas batidas da Samaúma*. (FIGUEIREDO, 2015). Entre o jornal *pescadores de notícias* e o programa *nas batidas da samaúma*, praticamente ao mesmo tempo, eles consolidaram a formação de seu próprio grupo no bairro onde moravam,

chamado por eles como *Voz da Ilha*, esse grupo levou ao ar uma rádio de mesmo nome, no ano de 2010.

A partir das experiências identificadas no pré-campo e das teorias sobre emancipação intelectual e da emancipação intelectual pelos meios de comunicação, nosso problema de pesquisa foi amadurecendo e ficando mais evidente: como se configuraram localmente, os processos de emancipação intelectual de Ismaely, Lucas e Márcia, a partir das socialização de meios de comunicação na escola, na participação do movimento de rádio, suas concepção e realizações?

Tão logo delimitamos nossa pesquisa, iniciamos os contatos com aqueles que seriam os sujeitos informantes. O inusitado foi que eu havia ministrado aulas para eles no ensino fundamental e tinha deixado a escola que eles estudavam, bem no período em que eles estavam vivendo a experiência que agora eu estava pesquisando.

Iniciei os contatos com Ismaely, Lucas e Márcia no mês de junho do ano de 2018, nós marcamos vários encontros presenciais individuais e aconteceram muitos outros diálogos pelo celular. Também escutei as gravações dos relatos de experiência de Lucas e Márcia que estão no arquivo do Centro de Mídia Independente de Tefé, conheci parte do relato experiência que Ismaely concedeu a Guilherme Gitahy de Figueiredo, presente em sua tese de doutorado intitulada: *Inventando autonomias no Médio Solimões: uma etnografia dialógica da rádio Xibé e suas redes*.

Por fazer parte do grupo que estava pesquisando, mantendo uma relação próxima com os informantes, por ter sido seu professor no ensino fundamental, me considero o que Narayan (1993) chama de pesquisador nativo. Por ser um pesquisador nativo, membro do grupo pesquisado, as referências metodológicas desse trabalho se afastam da antropologia clássica e se direciona às novas teorias que legitimam a pesquisa de membros do próprio grupo.

Narayan (1993) diz que, com uma relação íntima com aqueles com quem se pesquisa, o pesquisador nativo escreve de uma colocação privilegiada. Pois ele tem uma posição de muita intimidade com aqueles que aceitaram compartilhar o tempo e as informações sobre a vida e sobre suas experiências. No entanto, um dos maiores perigos do pesquisador nativo

segundo a autora é o fato de não conseguir problematizar dentro de seu próprio grupo correndo o risco de assumir uma narrativa pessoal.

Para evitar isso, Narayan (1993) sugere o hibridismo, para os pesquisadores minimamente biculturais, pertencentes ao mundo engajado e ao cotidiano fora do engajamento no grupo a que se propõe a pesquisar. Pelo simples fato de que todo pesquisador pertence a várias comunidades diferentes, partindo daquela onde nasceu, aquela onde reside, trabalha ou ainda a própria comunidade acadêmica. Dessa forma, todo sujeito pertence a muitas comunidades ao mesmo tempo, isso aponta para uma multiplicidade de subjetividades que se entrelaçam sempre.

Essas subjetividades marcam a identificação e pertença do sujeito a determinados grupos, podendo mudar ao longo das transformações históricas e das relações estabelecidas entre os sujeitos de uma sociedade. É claro que durante uma pesquisa não é diferente, não se pode conviver com pessoas somente para obter como resultado um artigo científico, monografia, dissertação ou tese sem manter laços ao longo do tempo. (NARAYAN, 1993).

O desafio do pesquisador em escrever sobre o grupo que faz parte ou tem alguma ligação é enorme, marcado de várias formas, uma delas é o estranhamento do que lhe é familiar. Para Matta (1978, p. 28), o etnólogo realiza “uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico”. A primeira tarefa corresponde ao movimento inicial da Antropologia, encontrada nos antropólogos clássicos, quando os etnólogos se debruçaram nos enigmas das civilizações consideradas pelos próprios etnólogos como primitivos e selvagens. No entanto, nesse trabalho dirigimo-nos ao encontro da segunda tarefa do etnólogo, citada acima, pois nela o pesquisador volta-se para os grupos e instituições da sociedade as quais ele pertence, estranhando o seu próprio mundo, como uma criança que tudo quer saber. (VELHO, 1978).

Para Ribeiro (1999), o estranhamento da realidade é a identidade da pesquisa científica, um dos elementos qualitativos básicos que marca o trabalho etnográfico, seja em uma perspectiva clássica da Antropologia, seja nos estudos mais recentes. No movimento inicial da Antropologia os pesquisadores por não fazerem parte das práticas sociais das populações que estudavam e da sua cognição, eles experimentavam a aproximação e o

distanciamento, aproximando-se para compreender o que presenciavam, mas sem entender completamente. Por sua vez quando pesquisador se dedica a pesquisar o próprio grupo que faz parte, ele deve partir de uma posição de estranhamento, pois vive no grupo e precisa se afastar do que supostamente ele conhece, para que possa aprender daqueles que ele observa.

Como técnica para a construção desse trabalho foi usada a História Oral. Para Thompson (1992, p. 22), “a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo” e dar voz às classes e grupos desfavorecidos na construção da história oficial, pois ela oportuniza que grupos marginais também possam revelar suas práticas, emoções e interpretações do que viveram.

De fato, não havia nenhum registro oficial dos processos construídos por Ismaely, Lucas e Márcia no que diz respeito ao tema dessa pesquisa, então a única forma de conhecer era escutar dos próprios sujeitos. As narrativas foram coletadas por meio de entrevista conforme indica por Thompson (1992, p. 158), “estimulando o informante a expressar-se livremente, mas introduzindo gradualmente um conjunto padronizado de perguntas na medida em que não tenham ainda sido respondidas”.

Os encontros com Ismaely, Lucas e Márcia aconteceram de forma individual em um ambiente que possibilitaram a escuta e o diálogo, sempre em um domingo à tarde, com exceção de Lucas. Isso porque todos os envolvidos trabalhavam durante a semana. Nós buscamos sempre um local silencioso, para poder captar com o máximo de qualidade o áudio da conversa em um gravador de voz do celular. Inicialmente era feita uma apresentação dizendo de quem seria o relato, citava o local, a data e o horário, em seguida o informante era convidado a fazer seu relato de experiência acerca do movimento de rádio e do projeto de jornalismo da escola que eles fizeram parte.

Por meio dos relatos foi possível perceber as estruturas de seus atos, além de criar a partir de seus próprios destaques, um sistema de análise capaz de interpretar tais estruturas a partir das seguintes categorias de análise: emancipação intelectual individual, emancipação intelectual coletiva face a face, emancipação intelectual mediada por tecnologia de comunicação.

As categorias de análise foram construídas a partir do existente nas experiências dos sujeitos informantes. Isso foi possível pela localização de

detalhes das narrativas dos sujeitos, naquilo que decidiram falar, além da nossa própria sistematização das teorias discutidas no nosso referencial teórico.

A relação que estabeleci com os sujeitos informantes nessa pesquisa tem raízes anteriores a própria pesquisa. O ano era 2007, quando me entrei pela primeira vez em uma sala de aula, como docente e, tive contato de frente com estudantes. Em uma das seis salas que eu lecionava, lá estavam os sujeitos dessa pesquisa.

Ministrei para todos eles aulas de Matemática na Escola Estadual Getúlio Vargas. Encontrei Esmaily, Lucas e Márcia, em uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental. Nos anos seguintes, já não ministrava mais aulas para eles e nosso contato foi reduzindo gradativamente, no entanto, mantivemos a amizade e eu acompanhava certa movimentação deles na escola. Essa movimentação que eu via era justamente a experiência que contaremos nesse trabalho, mas como eu ministrava aula em outro turno, eu não pude acompanhar mais de perto o que eles estavam criando.

Nós fomos ficando cada vez mais distantes, isso se acentuou fortemente quando eu passei a lecionar em outra escola no ano de 2010, justamente o ano em que eles colocaram a sua própria rádio no ar. Como disse anteriormente, foi durante o pré-campo dessa pesquisa que descobri que meus ex-alunos haviam participado da rádio Xibé no ano de 2009. Dessa forma, eles me precederam no coletivo quase quatro anos antes. Hoje eu continuo ligado ao coletivo da Xibé e eles não.

Conheci a rádio Xibé no mês de junho do ano de 2013, em pleno fervor das revoltas populares nas ruas do Brasil contra o aumento das tarifas do transporte público. Essas manifestações populares ganharam novas pautas de reivindicações dependendo do estado e município brasileiro.

A obra intitulada “as rebeliões da tarifa e as jornadas de junho no Brasil”, organizada por Cassio Brancaleone e Daniele de Bem, apresenta muitas experiências de lutas e manifestações de grupos de jovens e populares usuários de transporte público que sistematizaram novas formas de lutas no Brasil. A experiência de Tefé está presente nessa obra em um artigo intitulado “O que a floresta da mídia escondeu? ‘junho’ em Tefé-AM. Esse artigo apresenta e analisa o que foi a rebelião de junho de 2013 em Tefé e como isso

se integrou com o movimento do restante do Brasil. A rádio Xibé esteve lá, transmitindo as assembleias populares, as reivindicações dos moradores e potencializando as ações do grupo Acorda Tefé¹.

Escutar rádio é uma lembrança marcante da minha infância. O rádio foi sempre uma realidade entre as famílias empobrecidas da região de Tefé, por ser um veículo de baixo custo e, em muitos casos o único meio de comunicação eletrônico na cidade. Escutar rádio se consolidou entre as pessoas como um importante meio de comunicação em Tefé. Na minha vida não foi diferente.

Minha origem ribeirinha me fez escutar rádio: “avisos para o interior²”. Me fez escutar, tanto por parte da família de meu pai, quanto pela família de minha mãe, sobre a vida dura e sofrida da extração de látex, o “cortar seringa”, como meu pai chamava, além da agricultura, da caça e da pesca para subsistência. Eu cresci escutando sobre a relação difícil com o patrão das localidades onde a família morou, sempre fugindo da fome e das dificuldades, sempre procurando um “lugar com fartura”. Eu escutei sempre que minha família teve que trabalhar duro para poder sobreviver, sempre com dívidas impagáveis junto aos seus patrões, porque eram enganados e explorados na produção da riqueza.

A percepção de relações desiguais na sociedade que desfiguram as pessoas, a relação oprimido x opressor, analisada por Freire (2016), me possibilitou desenvolver uma consciência e, me fez escolher estar sempre ao lado daqueles que lutam por emancipação. Já são mais de vinte e seis anos de engajamento em diversos grupos sociais como o movimento indígena, sindicatos, associações de moradores, movimentos estudantis e acadêmicos, movimento de rádio livre, pastorais sociais das Comunidades Eclesiais de Base, além da prática como educador em espaços formais de educação como a escola, mas também em espaços não formais de educação, como os grupos

¹ Movimento criado por um grupo de jovens, a partir das redes sociais, no mês de junho de 2013 no município de Tefé/AM. O grupo foi responsável por diversas reuniões de moradores realizadas principalmente na Praça da Igreja de Bom Jesus, no bairro de Jerusalém. Essas reuniões eram chamadas pelo grupo como assembleias populares. O grupo também liderou algumas passeatas pelas ruas da cidade mobilizando diversos grupos sociais como, estudantes, acadêmicos, indígenas, trabalhadores e associação de moradores.

² Programa transmitido pela Rádio Educação Rural de Tefé há mais de 50 anos. Rádio da Prelazia de Tefé, pioneira na comunicação radiofônica na região do Médio Solimões.

sociais que citamos anteriormente. Não é fácil fazer ciência Brasil, entretanto, fazer ciência a partir dessa realidade torna muito mais gratificante os resultados conquistados. Esse trabalho é fruto de muito esforço individual e coletivo, por todas as circunstâncias vividas nas mais diversas dimensões do sujeito.

Nesse trabalho você encontrará:

No primeiro capítulo, o nosso ponto de apoio teórico que ajuda a pensar a emancipação intelectual como uma aventura que se constrói desde os primeiros dias de vida, um processo de constante busca, por vezes individual, por vezes coletiva, face a face ou mediada pelos meios de comunicação.

O segundo capítulo está dividido em quatro momentos: 1.Os pescadores de notícias e O Solimões, que trata da experiência dos jovens informantes no jornalismo; 2.Nas Batidas da Samaúma, que diz da experiência que eles tiveram na rádio Xibé; 3.Voz da ilha do Abial, que vai falar do coletivo Voz da Ilha e da rádio com o mesmo nome; 4.Entre escola, quintais, canoas e comunidades: o que ainda permanece? Nesse quarto momento apresentamos algumas considerações feitas jovens informantes sobre como as aventuras descritas anteriormente impactam seu cotidiano. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1. EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL E COMUNICAÇÃO

Quando alguém se torna sujeito de sua própria vida, livre ou emancipado? Para indagações como essa, diversas conjecturas podem ser construídas. Nesse trabalho enveredamos pela consciência de que a emancipação intelectual é pressuposto necessário para a emancipação do indivíduo enquanto sujeito e protagonista de em sua existência. É possível que a partir da liberdade de construir suas próprias conjecturas norteadas por suas análises, o sujeito torna-se capaz de construir perspectivas, valores e contravalores capazes de determinar suas relações com aquilo que está em seu entorno.

Dessa forma, quando nos propomos a falar sobre emancipação intelectual, partimos de uma perspectiva emancipatória do próprio ser humano enquanto pessoa, dono de sua própria vida. Em outras palavras, pensamos a emancipação intelectual do sujeito, como princípio para sua emancipação enquanto pessoa humana.

Quando falamos de emancipação do sujeito, pensamos logo no sentido de libertação, de independência, na aptidão para exercer e responder, por si só, aos seus atos, individuais e coletivos, a partir do que analisa, teoriza e do que faz com seus bens imateriais.

Não queremos crer que a emancipação do sujeito é um lugar a ser alcançado após um processo de construção de sua liberdade intelectual, como se a emancipação fosse algo completamente realizável em si mesma, pois é necessário ponderar as muitas relações estabelecidas na sociedade que afetam direta ou indiretamente a cada indivíduo. Não vemos a emancipação do sujeito como um último estágio da vida do sujeito após percorrer etapas que lhe possibilitem tal grau de liberdade.

Queremos dizer que a emancipação intelectual do sujeito não é o ponto de chegada, o destino daquele que trilha tal aventura, mas sim, o caminho, um processo que nunca estará terminado, nunca estará completamente percorrido, alcançado e vivido plenamente. A emancipação intelectual é algo sempre mirado, desejado e construído a partir da ação diária, da capacidade de refletir sobre essa ação e mudá-las, se julgar necessário.

Os elementos da emancipação do cidadão em sujeito, dono e senhor de sua própria história nasce dentro de cada um e cresce à medida que esse vai rompendo com os instrumentos de dominação que se estabelecem em sua sociedade. Os instrumentos de dominação também moram dentro de cada indivíduo, embora não nasçam consigo, mas que, estão presentes nas relações desiguais entre as pessoas, aprisionando indivíduo em seu lugar de dominante ou dominado, espíritos superior ou inferior, sábio ou ignorante, governante ou governado. Podemos dizer então, que a emancipação intelectual é o processo de se desfazer dos instrumentos de dominação, criados e alimentados pelas convicções que determinam as relações desiguais entre as pessoas.

As relações desiguais de poder postas nos cotidianos das sociedades, os conflitos dos sujeitos, suas inseguranças e convicções são os cenários de onde brota o desejo e necessidade da emancipação, algo que ultrapassa as barreiras físicas e que permeia seu imaginário, seus desejos, capaz de formular teorias que ajudem a pensar em tais cenários, a fim de recriá-los por meio das muitas formas de interações, o que pressupõe certo grau de comunicação entre os indivíduos.

Dessa forma, os diversos meios de comunicação entre os diferentes sujeitos sociais se tornam uma esfera muito importantes para a construção e propagação de pensamentos e ideologias que podem ser usados para alimentar a emancipação dos sujeitos sociais ou ainda, para dominá-los e oprimi-los. Os meios de comunicação como os que usam ondas eletromagnéticas, por exemplo, têm um grande alcance e são potencialmente poderosos para ampliar e fortalecer a comunicação entre os sujeitos, um fator importante para a construção e reconhecimento de intelectualidades, pois é pela comunicação que o sujeito se apresenta e interage com outros.

Mas, o modelo de estruturação dos meios de comunicação eletrônicos no Brasil, torna o acesso a esses meios, cada vez mais controlado, limitado e vigiado pelo Estado e pelas corporações do setor. O cerceamento aos meios de produção do que se conhece como meio de comunicação eletrônica acontece, sobretudo por legislação específica. Dessa forma, ao cidadão que não tem o acesso aos meios de produção das mídias eletrônicas, cabe o jugo imposto por quem controla tais meios de produção. Sem o acesso à produção

de tais meios, o cidadão se torna mero espectador e/ou ouvinte daquilo que lhe é imposto.

Nesse capítulo apresentamos percepções distintas acerca da emancipação intelectual dos sujeitos, o que enriquece o olhar sobre a realidade e possibilita uma discussão mais ampla sobre a temática. Essas diferentes percepções vêm acrescentando ainda mais complexidade na construção de uma tradição teórica que se debruça sobre a investigação da emancipação intelectual dos sujeitos em suas sociedades.

1.1. Emancipação intelectual

Propomo-nos a discutir a emancipação intelectual do homem a partir da experiência do pedagogo francês Joseph Jacotot (1770-1840), visitada e reinterpretada pelo filósofo Jacques Rancière. Joseph Jacotot foi um intelectual ativo da época da Revolução Francesa, exilado nos Países Baixos por causa da restauração da monarquia naquele país.

A aventura intelectual de Joseph Jacotot foi apresentada por Rancière (2016) em sua obra intitulada como “O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual”, publicada no ano de 1987, chegando a sua sétima reimpressão no ano de 2018. Essa obra foi resultado da convergência entre a teoria de Joseph Jacotot (1770-1840) e Jacques Rancière (2018) sobre o problema da emancipação intelectual e da emancipação social do cidadão.

Jacques Rancière se dedica à análise dos arquivos dos movimentos operários do século XIX, o que resultará em duas obras, a primeira no ano de 1981, intitulada como “A noite dos proletários” e a outra no ano de 1985, chamada de “O filósofo plebeu”. O interesse pela história do movimento operário e sua busca por emancipação lhe levou a crer que a emancipação social é antes de tudo uma consequência daqueles que buscam a própria emancipação intelectual. A tese central do autor é que todos os homens têm inteligência igual, portanto é possível ser intelectualmente emancipado desde criança. (RANCIÈRE, 2018).

A consciência de que todos os homens têm inteligência igual, conduz a crer na possibilidade de uma sociedade emancipada - uma sociedade que compreende que não existe desigualdade entre as inteligências humanas - uma sociedade que compreenda que a emancipação dos homens não está na quantidade de instrução recebida, mas na potência que cada homem carrega, capaz de construir caminhos autônomos de construção de conhecimento e tudo o que essa ação poder acender.

Quando Rancière (2018) concebe a emancipação intelectual como uma questão filosófica baseada na liberdade e não como uma questão metodológica, ele tece sua crítica à sociedade de Jacotot e ao modelo de escola que surgia no início do Séc. XIX. Esse modelo de escola se disseminou pelo mundo durante o tempo – escola que nutre uma tradição educativa pela “transmissão” de conhecimento por meio de explicações, o seu cotidiano é

marcado por uma busca constante de aperfeiçoamento dessas explicações para que o ensino aconteça cada vez “mais fácil”. Assim, esse modelo escola alimenta a certeza que a aprendizagem só pode acontecer quando se tem explicadores cada vez melhores. Mas, se o contato com mestres explicadores passa a existir depois de certo tempo de vida de uma pessoa, como uma criança pode aprender a língua materna sem ter algum que lhe explique?

Homens nascem emancipados intelectualmente e refletem sua condição nos atos do seu cotidiano, quando atuam de forma independente, movidos por uma potência que os coloca a caminhar, pois “inteligência é atenção e busca, antes de ser combinação de ideias”. Dessa forma, a vontade é a potência que permite ao homem fazer escolhas. É assim que crianças aprendem sua língua materna e muitas outras coisas ao mesmo tempo, movidas pelo próprio interesse em aprender aquilo que querem. (RANCIÈRE, 2018, p. 83).

A atenção e a vontade se tornam o combustíveis capazes de tornar uma criança mestre de si mesma no processo de aprendizagem da língua materna, essa apenas escuta as pessoas falando com ela ou para ela, de forma amável, cochichando ou até mesmo de forma grosseira. A criança aprende a identificar cada expressão e cada gesto, não somente a linguagem, mais tudo o que está a sua volta. A criança é emancipada porque age em sua liberdade para aprender o que precisa e, de forma autônoma, escutando, olhando, prestando atenção nos movimentos diversos, na articulação das palavras, nos comportamentos daqueles que estão a sua volta.

Em outras palavras, a emancipação intelectual é marcada pelos seus elementos básicos: atenção e vontade. Que se revela de forma individual, sem a participação de explicadores, movida pela potência que é o interesse próprio. O homem conquista independência em suas ações conforme se emancipa intelectualmente, só assim ele é capaz de poder escolher com liberdade em um processo coercitivo por sua própria vontade e atenção. Mas, se existem desiguais vontades entre os homens, talvez isso possa explicar as desiguais performances intelectuais entre eles.

À mesma criança capaz de aprender pelos seus próprios esforços a falar a língua materna, as instituições de educação formal vão reforçar de muitas formas que ela não é capaz de escrever e soletrar sozinha, sem uma boa explicação. Quando a coerção da atenção do discípulo na ação de aprender

acontece não por sua vontade de conhecer, mas sim pela vontade de outro, isso cria um estado que limita e determina a sua atenção. Nesse caso o discípulo direciona sua atenção para onde o mestre determinar. O mestre, guiando a atenção do discípulo, determina o ritmo e a dosagem do que se deve aprender e quando isso deve acontecer. Esse ritmo faz nascer a visível dependência entre o discípulo e seu mestre. Uma dependência fundada pela convicção da necessidade de um para conduzir o outro à sabedoria: o embrutecimento. Mestre e discípulo, embrutecidos. (RANCIÈRE, 2018).

O embrutecimento indica o contrário da emancipação intelectual. O sujeito embrutecido tem convicção de que existem desigualdades entre as inteligências humanas e que essa desigualdade pode ser diminuída pelas explicações dos mestres aos que nada sabem. O que embrutece o ignorante, também embrutece seu mestre. Mas, o problema que dificulta a emancipação intelectual dos sujeitos não se encontra no método, não está na forma como se aprende, mas na convicção de que não se pode aprender sozinho. Para muitos pedagogos, a soletração pode ser obsoleta, no entanto, podemos supor que o problema não está em soletrar e sim, em assimilar que não se pode soletrar sozinho.

O fato de que todas as crianças conseguem, por sua própria inteligência, aprender a língua materna, sugere que todas elas têm inteligência igual e são forçadas a usar sua inteligência por estímulos em várias direções. Mas, a convicção de que as inteligências são desiguais nasce e é alimentada, principalmente, nas instituições de educação formal, lugar onde o sujeito tem acesso desde cedo aos seus primeiros mestres explicadores.

Ao propor que todos os homens têm inteligência, Jacotot não busca comprovação científica, não é uma coisa imposta e muito menos algo a ser comprovado. Uma pessoa é capaz de observar cérebros humanos e dizer quais são mais ou menos inteligentes, quais são mais ou menos capazes de performances intelectuais extraordinárias? Por isso, a experiência de Jacotot, segundo Rancière (2018), não era provar que os homens têm inteligência igual, mas sim, o que se poderia fazer a partir de tal suposição, como o próprio Jacotot que foi capaz de ensinar francês a jovens flamengos sem lhes dar uma só explicação. Jacotot foi capaz de ensinar algo que ele mesmo ignorava. O

que o levou a proclamar uma palavra ordem: todos os homens têm inteligência igual e se pode ensinar o que ignora, se os sujeitos forem emancipados.

Entendendo que a inteligência é atenção e vontade, então cada homem pode atuar de forma atenta ou distraída, com interesse ou não. Então, quando o aprendiz diz ao seu mestre que não pode realizar determinado exercício, no fundo ele quer dizer que não quer e, expressa o “eu não consigo fazer” ou “eu não sei”, para deixar o que não lhe interessa. Rancière (2018, p. 84) acredita que “o homem é uma vontade servida por uma inteligência”, ele é capaz de pensar, de criar e recriar quando quer. O homem é vontade, e sua vontade determina a sua atenção na ação e seu desempenho intelectual tanto na escola, quanto nas tarefas do cotidiano. Mas, o “eu não consigo fazer sem ajuda” é de algum modo uma hierarquização entre as inteligências, forçada quando alguém, ao enunciar o seu próprio potencial de aprender, se entrega à preguiça, determinando sua própria permanência na impotência de pensar.

A experiência vivida por Jacotot ao ensinar a dar explicações, mostra que o sujeito, quando se dedica com atenção e interesse torna-se capaz de aprender qualquer coisa, pois este reconquistou sua emancipação, desenvolvida enquanto criança, momentos em que aprendia com liberdade e sem limites. Esse fato o levou a colocar sua confiança na capacidade de cada pessoa, na certeza de que pelos seus próprios interesses todo homem pode aprender sozinho e ensinar mesmo o que ignora, desde que seu discípulo seja emancipado.

1.2. Emancipação intelectual e o acesso aos meios de produção de intelectualidade

Para Benjamin (1934), a emancipação intelectual acontece pela socialização dos meios de produção intelectual, como jornal impresso, rádio, televisão. A socialização dos meios de produção intelectual acabaria sendo, inclusive, capaz de tornar esses aparelhos mais completos e com uma melhor tecnologia de produção de ideias. Para Benjamin, a emancipação do sujeito acontece pelo acesso aos meios de produção intelectual. Dessa forma, a massa produtora de riqueza de uma sociedade - a massa operária - poderia emancipar-se intelectualmente ao controlar os próprios meios de produção intelectual.

A tendência orienta a produção do autor durante todo o processo de criação, seja ele um escritor burguês ou aquele decidiu a se colocar ao lado do proletariado. Ambos podem julgar-se possuídos de uma liberdade criativa, mas no fim todos estão sujeitos a produzir conforme os interesses das classes a qual fazem parte ou simpatizam, todo autor então, puramente obedece a uma tendência.

Isso norteia a produção do autor, a escolha do tema, suas ferramentas, os meios de produção, os objetivos a serem alcançados e a satisfação do dever cumprido, além de que exigir a existência de uma tendência no processo criativo, seu público ainda deseja que o produto tenha satisfatória qualidade, para Benjamin (1934, p. 121), “uma obra de caracterizada pela tendência justa, não precisa ter qualquer outra qualidade”, pode-se também dizer que “uma obra caracterizada pela tendência justa deve ter necessariamente todas as outras qualidades”. Walter Benjamin é claramente favorável a segunda postulação. Mas não a aceita como decreto, e argumenta fortemente em defesa de sua posição para segundo ele provar que é verdadeira tal postulação:

Pretendo mostrar-vos que a tendência de uma obra literária só pode ser correta do ponto de vista político quando for também correta do ponto de vista literário. Isso significa que a tendência politicamente correta inclui uma tendência literária. Acrescento imediatamente que essa tendência literária, e nenhuma outra, contida implícita ou explicitamente em toda tendência política *correta*, que determina a qualidade da obra. Portanto, a tendência política correta de uma obra inclui sua qualidade literária, porque inclui sua tendência literária. (Benjamin, 1934, p. 121).

Partindo do princípio que as relações sociais são dependentes pelas relações de produção e que as críticas do materialismo em relação a uma obra suscitava sua relação com as relações sociais de produção de seu tempo, como acontece a relação de uma obra com a sua época, mas Benjamin quer entender “como ela se situa *dentro* dessas relações?” [grifo do autor]. Com essa pergunta, Benjamin não quer refletir simplesmente como acontecem as relações e sim, a função que a obra empenha dentro das relações literárias de produção em determinado tempo, com isso ele foca para a “técnica literária das obras”. (BENJAMIN, 1934, p. 121).

Continua citando Sergei Tretiakov como exemplo de escritor “operativo”. Esse tipo de escritor não é apenas aquele que leva uma informação, que relata, que revela uma história, um fato, o escritor operativo é aquele que está engajado no combate, o que ativo no que escreve, participante do acontecimento. Ele cita o exemplo de Tretiakov que em duas viagens para a comuna Farol comunista na época da coletivização total da agricultura nos anos de 1928, realizou varias atividades que Benjamin (1934, p. 134) como:

Convocação de comícios populares, coleta de fundos para a aquisição de tratores, tentativa de convencer os camponeses individuais a aderirem aos colcoses³, inspeção de salas de leitura, criação de jornais murais e direção do jornal do colcos, reportagens em jornais de Moscou, introdução de rádios e cinemas itinerantes, etc. (BENJAMIN, 1934, p. 123).

A carreira de Tretiakov após as experiências em colcoses é profundamente influenciada por uma prática engajada, tanto que seu livro intitulado “Os generais” foi forte influenciador no desenvolvimento da economia coletivizada. Outro exemplo é a separação no jornal “ciência e as belas letras, entre “a crítica e a produção”, entre a “cultura e a política”. Em um jornal o seu conteúdo, enquanto matéria, é orientado pela “impaciência” de seu leitor, seja a do político que anseia informações, ou do “especulador” que esperas pistas para sua ação, além destas, existe ainda a impaciência daqueles se consideram excluídos de direitos e acreditam que precisam tomar posse do direito de se manifestar em busca de seus interesses. É na alimentação diária dos redatores com os fatos cotidianos que prendem a atenção do leitor na

³ Fazendas coletivas

busca de enxergar nas páginas as inquietudes de sua vida, por outro lado, os fatos que estampam as manchetes é a vida diária do povo, o que o eleva a uma categoria além de consumidores de notícias, os torna protagonistas dela, ele se tornam “colaboradores”.

É nesse momento que a imprensa soviética ultrapassa os limites entre autor e público, uma renovação que garante ao público leitor também ser autor de mensagens, é nesse momento que enfraquece a força da imprensa burguesa que procura sempre estimular o distanciamento entre autor e público, elevando uma inteligência burguesa que somente ela é capaz de escrever, agora o público encontra espaço privilegiado para “escrever, descrever e prescrever”, um especialista, não um especialista do saber de determinada como área com do conhecimento científico, mas um especialista no serviço que desempenha no cargo que ocupa é nesse momento que ele assume a condição de produtor, dando voz e vez ao mundo do trabalho em que ele está inserido. É nesse momento que os silenciados e destinados a categoria de receptores se tornam produtores de mensagens, ele pode sim exercer uma função literária que descreve o mundo a partir das experiências do trabalho que ele desenvolve, desse modo o “ser especialista” passa pela formação técnica que cada um, e torna a todos um potencial produtor.

Já pela contra mão, esteve o “Ativismos” e a “Nova Objetividade”, movimentos de uma burguesia esquerdista na Alemanha, que até solidária a causa operária na dimensão de suas convicções, não apresenta qualidade de um produtor. Não basta ser solidários e oferecer a sua voz em defesa da causa dos excluídos, não basta oferecer espaço aos excluídos para que eles falem, é necessário reformular os espaços para que se possam desenvolver processos que gerem autonomia dos próprios excluídos no sentido de fortalecimento de sua classe. O Ativismo exige uma elite intelectual, um grupo no qual se encontra as verdades e a possibilidade de se fazer pensamento na cabeça dos outros, para os teóricos ativistas, o intelectual não pode fazer parte de determinado grupo do processo produtivo, o líder partidário mesmo tendo um bom conhecimento em diversos temas, pode gesticular bem as palavras em oratórias, falando a linguagem dos seus, falando de forma inteligível e ser um combatente nas causas de sua classe, mesmo assim, esse líder não é

considerado um intelectual, o intelectual não está no convívio diário das massas no processo de produção, ele está entre as classes.

Mas, Benjamin defende que o lugar do intelectual é está engajado na luta do proletariado, parte integrante do sistema de produção, escolhido ou determinado mediante a função exercida por ele no processo produtivo. O intelectual pode ser o mais simples dos excluídos socialmente, mas o lugar de sua fala é legítima, do ponto de vista que ele se dirija como especialista do que faz, produz. O intelectual avança que questiona a hegemonia da elite burguesa dominante e se apresenta fora dos modelos do intelectual forjado pela burguesia. Considerar que do proletariado pode-se encontrar um intelectual é extremamente revolucionário do ponto de vista dos padrões estabelecidos pela elite da inteligência e assimilados pelas classes, questionar esse dogma é profundamente positivo para que possa se desenvolver outros conceitos de intelectualidade; uma intelectualidade baseada no conhecimento produzido por meio dos diversos setores produtivos. Sendo assim, quem pode falar melhor sobre sua produção, seus meios, seus instrumentos? É de fato aquele que os tem no cotidiano e que faz de sua vida uma extensão de sua prática produtiva.

Para Benjamin foi Brecht que questionou primeiro o intelectual de não abastece o processo de produção sem modificá-lo em uma perspectiva socialista, ele propõe uma renovação da técnica, dando a ela nova função, a “refuncionalização” sugerida por Brecht, alimentando o sistema produtivo e modificando-o. Ao contrário, somente abastece um sistema produtivo mesmo que com materiais aparentemente revolucionários não quer dizer que está a serviço da revolução, não que dizer que esteja no combate ao sistema de elite que se impõe. São muitos os casos o exemplo da burguesia alemã nos anos de 1934, que abasteciam uma literatura com temas de esquerda, revolucionários, mas ao mesmo tempo não modificavam o sistema de produção, muito menos combatiam a elite que sustentava o sistema. Para Benjamin (1934, p. 128) isso acontece porque o sistema é abastecido por “escritores rotineiros”, ele o define como aquele que “renuncia por princípio a modificar o aparelho produtivo a fim de romper sua ligação com a classe dominante, em benefício do socialismo. Dessa forma, boa parte dos movimentos de esquerda assume muito bem esse papel e assim ele continua dizendo que a que se conhece como “literatura de esquerda não exerceu outra

função social que não a de extrair da situação política novos efeitos, pra entreter o público.

O dadaísmo um movimento que rompe barreiras na construção de imagens e busca na desconstrução de padrões pré-estabelecidos a formulação de uma nova imagem da arte. Foi bem nesse caminho que a fotomontagem preservou fatores importantes e revolucionários, e podemos observar a arte da fotografia altamente disposta a compor imagens para a construção de sentidos diversos, uma fotografia que se preocupava em construir percepções, uma nova forma de se relacionar entre o produtor, a imagem e aquele que o/a observa.

Na música podemos observar a refuncionalização acontecer no sentido da produção musical, pois a produção musical encontrava-se no domínio de grupos cada vez menos, investindo cada vez mais em uma especialização. A refuncionalização da música instrumental provoca uma crise na técnica que chaga a superação da forma do concerto eliminando a “oposição entre interprete e ouvinte”, “entre técnica e conteúdo”, na música orquestrada é a crise na forma de produção a qual é superada por novas técnicas. Para inicio de conversa, pode-se perceber que a música orquestrada tem um alto valor entre a elite burguesa, Considerada como uma “arte elevada” a música sem voz faz-se objeto de uso do capitalismo, e para transformá-la, é preciso de introduzir voz, a voz então, se torna o elemento pelo qual a música orquestrada ganha novo significa, “somente ela, diz Eisler, pode transformar um conserto num comício político. Brecht e Eisler provaram com a peça didática *Die Massnahme* (As medidas) que essa transformação pressupõe um altíssimo nível da técnica musica e literária. (BENJAMIN, 1934, p. 30).

A “Nova Objetividade”, enquanto movimento literário, busca vai além da tendência já enunciada anteriormente, Benjamin (1934, p. 132) acrescenta que, “a tendência é uma condição necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento da função organizadora da obra”. Não basta a intenção, a opinião que se tem sobre determinado assunto, faz-se necessário que o desejo seja revelado na postura com que se produz, portanto o jeito, a atitude como o autor produz sua obra é decisivo, pois ele é capaz de ensinar com suas atitudes também. Isso conduz para dois princípios, em primeiro lugar o autor deve “orientar outros produtores em suas produções” e aperfeiçoar seu próprio

meio, que busque sempre melhor, e isso acontece à medida que consumidores são revelados como produtores também, dessa maneira a produção recebe mais colaboradores, dessa maneira leitores, ouvintes e telespectadores contribuem no processo de produção.

Na produção e atuação, o teatro épico de Brecht difere-se do teatro tradicional. Enquanto o teatro busca se moderniza com utilização de várias máquinas, figurantes, com efeitos especiais refinados, em certa medida até busca uma competição com o cinema e o rádio; o teatro épico de Brecht não busca nada mais que o espetáculo dos primeiros anos do teatro: uma tribuna é dessa forma que ele aproxima e intervém na relação entre o “palco e o público, o texto e a representação, o diretor e os atores”. O fato que levou Brecht caracterizar seu teatro de épico é a existência da interrupção da cena.

Mas a interrupção não se destina a provocar uma excitação e sim exercer uma função organizadora. Ela imobiliza os acontecimentos e com isso obriga o espectador a tomar uma posição quanto à ação, e o ator toma uma posição quanto a seu papel. (Benjamin, 1934, p. 132).

A interrupção para Brecht é uma espécie de nova versão do método da montagem usado amplamente no rádio, na televisão e no cinema, por exemplo. No teatro épico de Brecht o público é levado a tomar partido, uma posição frente ao tema que assiste, o maravilhoso é o envolvimento da plateia nas temáticas apresentadas, temáticas cotidianas, cenas habituais comumente vistas, dessa maneira o teatro épico alimenta seu público com os mais variados sentimentos. Ao escritor, cabe a ele, uma exigência, refletir sobre sua posição no processo produtivo da sociedade, uma reflexão que o conduza a ocupar uma posição solidária para com o proletariado, mais que solidário, um voluntário, alguém que desbrave novos ou reinvente novos meios revolucionários para fortalecer os que são a força motriz da cadeia produtiva.

Para o proletariado, ter autores aliados da burguesia é muito importante, visto que esses escrevem para sua classe, questionando-os, enfraquecendo. No entanto, estar aliado ao proletariado não torna o autor burguês também um deles, mas, um “traidor a sua classe de origem”. (BENJAMIN 1934, p. 136).

No entanto, a burguesia estabelece um meio de produção do qual o autor em questão faz parte, o sistema de educação, que é solidário para com a

burguesia. É no processo de sair da condição de fornecedor ao sistema de produção intelectual, para uma posição de adaptação de sua tarefa para fortalecer a revolução do proletariado. Para Benjamin três perguntas são capazes de guiar o intelectual para orientar sua produção em uma tendência correta que eleva a qualidade de seu trabalho, são elas:

Como promover a socialização dos meios de produção intelectual? Vislumbra caminhos para organizar os trabalhadores no próprio processo produtivo? Tem propostas para a refuncionalização do romance, do drama, da poesia? Quanto mais completamente o intelectual sua atividade em função dessas tarefas, mais correta será a tendência, e mais elevada, necessariamente, será a qualidade técnica de seu trabalho. Por outro lado, quanto mais exatamente conhecer sua posição no processo produtivo, menos se sentirá tentado a apresentar-se como intelectual puro (Geistiger). (BENJAMIN 1934, p. 136)

Assim, o intelectual pode ser conduzido e ao mesmo tempo condutor para vislumbrar mais fortemente que a inteligência está presente em diferentes classes, desde aquela que exige meritocracia burguesa, quanto aquela que reivindica mais oportunidades e direitos. Sendo assim, a luta não se estabelece entre as inteligências, e sim “entre o capitalismo e o proletariado”. (BENJAMIN 1934, p. 136)

1.3. Emancipação intelectual e as ondas do rádio

Bertolt Brecht (1898-1956) é contemporâneo de Walter Benjamin e eles dialogam sobre teoria de emancipação do homem pela socialização dos meios de comunicação. Em sua teoria do rádio, Brecht (2003) faz a conexão entre os sujeitos de uma sociedade, a coisa pública e o aquele instrumento fantástico de comunicação que deveria religar as pessoas e suas relações. Para ele o rádio “tem uma face, quando deveria ter duas”. Dessa forma, com o mesmo aparelho, o sujeito poderia enviar e receber mensagem, deixando de ser um “aparato de distribuição” e passando a ser um “aparato de comunicação”. Dessa forma a emancipação das pessoas passa pela capacidade de manipulação dos meios de produção de comunicação, e o rádio se torna esse canal, à medida que, as pessoas possam ouvir e também falar. (BRECHT, 2003, p. 228).

Quando Brecht reivindica as duas faces no rádio - enviar e receber mensagem - ele reivindica a socialização desse meio de comunicação, pois com um aparelho desses nas mãos todo cidadão receptor se tornaria também um cidadão emissor. Isso poderia criar uma rede de comunicação capaz ampliar o debate e facilitar o diálogo entre as pessoas, poderia se criar uma comunidade emissor-receptor que se comunicaria sem hierarquização ou monopólio do direito de falar, horizontal, democrática e independente.

A independência do uso do rádio seria capaz de revelar à sociedade o que é de interesse público, pois segundo Brecht (2003, p. 229), “são absolutamente positivos todos os esforços do rádio quanto a imprimir nos assuntos públicos um caráter realmente público”. Dessa forma que os governos poderiam estabelecer uma conexão direta com o cidadão, sem interlocutores e interpretes, não somente no sentido de levar informações, mas também no sentido de receber sugestões e reivindicações.

O rádio seria o lugar do diálogo entre aqueles que não podem estar próximos. Tornaria o diálogo entre as pessoas, entre as pessoas e as instituições, muito mais dinâmico e rápido. Todos poderiam estar presentes em determinado lugar por meio das ondas eletromagnéticas do rádio.

Quando Brecht (2003) surge com sua teoria do rádio, vem reivindicando às pessoas a proximidade e manipulação do meio de comunicação mais

eficiente e extraordinário de seu tempo. Ao mesmo tempo em que critica os grupos da elite econômica que se apossaram dessa tecnologia e estabeleceram um padrão que limitava o aparelho, tirando dele a capacidade de emissão de mensagem e o limita a um mero receptor, condenando a sociedade a apenas ser *ouvido* deixando a *boca* para aqueles que controlavam os meios de comunicação: o Estado e corporações que recebiam a concessão pelo próprio Estado.

De certa forma Brecht sacode as estruturas que se consolidavam e tornavam o rádio e suas possibilidades em uma propriedade privada. Ao levantar a bandeira da democratização do uso do rádio, Brecht revela sua crença nesse instrumento como uma ferramenta de comunicação social. Pois, para ele o rádio transceptor (aparelho capaz de receber e emitir mensagem) nas mãos do povo, seria uma grande revolução na forma de dialogar; as pessoas poderiam falar o que elas quisessem, falar do que lhes interessassem, de uma simples pesquisa de preço do mercado a informações da cidade.

A evolução técnica do rádio é possibilitar o diálogo com suas duas faces, construindo dessa forma, canais de comunicação que aproxime os cidadãos que estejam distantes e, que retire o cidadão da passividade de ouvinte e lhe coloque em uma postura ativa de falante, ideias “irrealizáveis nessa ordem social, realizáveis numa outra, essas propostas, que constituem apenas uma consequência natural do desenvolvimento técnico, servem à propagação e formação dessa outra ordem”. (BRECHT, 2007, p. 323).

1.4. Emancipação intelectual e dialogicidade

Na segunda metade do século passado, Paulo Freire (1921-1997) discute a emancipação dos sujeitos, embora não seja esse o termo usado por ele. Freire (2016), fala da libertação do homem fazendo uma crítica sobre as relações de dominação existentes na sociedade. Para ele a relação de desigualdade entre os homens é a desumanização do próprio homem: na relação do oprimido e do opressor. Mas, essa relação não é o que dar origem a sociedade, pois para ele, o homem é vocacionado a humanidade e não a desumanidade.

Dessa forma, o que diferencia o ser humano dos outros animais é justamente a sua capacidade de dialogicidade: a transformação do mundo e da história através da ação, reflexão, diálogo. É isso que torna o ser humano construir sua própria história, sendo capaz de mudar a natureza, desenvolver tecnologias, criar uma sociedade, modificar sua sociedade e construir cultura.

A sociedade dos humanos tende a ser uma sociedade da dialogicidade, pois quanto mais humanos as pessoas são, mais dialógicas elas se tornam. Por outro lado, a antidialogicidade é capaz de desumaniza as pessoas, como produto da opressão de uns em benefício de outros. No ambiente de opressão as pessoas são tratadas como objetos, abrindo mão de sua humanidade, tanto os oprimidos quanto seus opressores. Em outras palavras, as pessoas abrem mão de sua capacidade de serem dialógicos, da capacidade de formarem uma sociedade humana edificada na disposição da ação, reflexão e diálogo.

A libertação do homem é construída da superação da dicotomia – opressor e oprimido – forjada no oprimido em um movimento de dentro para fora. No sentido de que o movimento libertação do oprimido nasce no desejo do oprimido em se libertar e não do contrário. Para Freire os a generosidade do opressor em libertar o oprimido é falsa, pois isso vai de encontro aos interesses do próprio. Ninguém terá mais vontade verdadeira em libertar o oprimido do que ele próprio, pois ninguém melhor que ele sente na pele as marcas dessa dicotomia: opressor x oprimido.

O processo de libertação do oprimido é um processo de educação libertadora, que nasce dos próprios oprimidos e que libertam também os opressores. Freire (2016, p. 103) tipifica como “educação bancária” um

processo incapaz de libertar os homens da dicotomia: opressor x oprimido. Para ele a “educação bancária”, seja feita pelos capitalistas, seja ela feita pela esquerda política, não conduz o homem a uma liberdade de pensamento, pois que nesse tipo de processo as pessoas devem adotar uma ideologia oficial que quando vem da esquerda política se diz do proletário. Para o Freire não existe uma consciência, uma ideologia que o homem precisa seguir para se libertar das relações de opressão, mas sim uma dialogicidade a ser construída a partir de suas vivências.

A educação bancária aprisiona o homem a uma ideologia exterior que o impede de pensar e refletir sobre suas próprias ações, um aprisionamento que impede sua ação autônoma de desenvolvimento de suas próprias ideologias frutos da reflexão de sua própria ação. A educação bancária impede que cresça a dialogicidade entre os homens.

A educação bancária para Freire, parte de um contexto em que alguém deposita o conhecimento em outro, como em uma visão bem clássica: o aluno sentado escutando o professor que lhe repassa o conhecimento. Nessa condição o conhecimento é um objeto total do professor e deposita como se a pessoa fosse um receptor vazio e passivo nesse processo. Para Freire esse tipo de educação não liberta as pessoas, pelo contrário, aliena.

Para Freire a educação que liberta o homem é resultado de um processo problematizador. Na educação libertadora tanto aluno, quanto professor são ativos no processo de aprendizagem. Sendo assim, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo. Quer dizer que a educação libertadora não é transmitir conhecimento, mas criar as condições necessárias para que o conhecimento seja construído.

Por sua vez, a dialogicidade impede qualquer forma de crença em um pensamento verdadeiro que possa libertar o homem, já que não há pensamento verdadeiro-libertário, se esse não for fruto da dialogicidade do próprio homem. A dialogicidade é a teoria que modifica a ação, reflexão da ação que modifica a teoria, juntamente com o diálogo em um processo infinito de mudança das próprias ideias e das próprias ações.

O processo é uma construção coletiva da ação, reflexão e diálogo que estarão sempre se construindo, em uma ação de libertação pela dialogicidade e não pelo acolhimento voluntário ou involuntário de uma consciência

específica, mas sim somente pela “palavra verdadeira” os homens se libertam e, em comunhão. A palavra verdadeira que Freire se refere é a dialogicidade: capaz de transformar a história do próprio homem e o mundo ao seu redor. (FREIRE, 2016, p. 133).

A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade resulta da dicotomia que se estabelece entre os seus elementos constituintes [ação e reflexão]. Assim, é que esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, autenticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blá-blá-blá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação. Pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, minimiza a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo. [...] A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (Freire, 2016, p. 134).

A palavra verdadeira é a tríplice: ação-reflexão-diálogo. Um sentido mais amplo do que o próprio substantivo “palavra” tem em si mesma. A palavra verdadeira só é capaz de existir quando se une a ação, a reflexão e o diálogo: a palavra verdadeira é esse conjunto de práticas. Ao contrário, as palavras se tornam ocas quando não existe esse tripé de apoio, dessa forma a palavra se torna palavra inautêntica, vazias em si mesmas, incapaz de libertar os homens, se tornam somente ativismo ou discursos furados. Já a palavra autêntica, a palavra verdadeira é um trabalho que se desenvolve na vida do próprio homem, no seu relacionar-se com os outros homens, na ação e reflexão. É um processo constante de libertação das relações que o desumanizam, um caminho sempre incompleto, nunca terminado, algo que nunca para, mas que está sempre em movimento: ação-reflexão-diálogo.

A questão do dia diálogo é sempre vista por Freire como uma ação cultural, como uma ação que é inerente ao “que fazer” do ser humano. Dessa forma homens e mulheres foram feitos para dizer suas palavras. Esse dizer sua palavra não é isolado, sozinho, mas como os outros, em comunhão,

mediatizados pelo mundo. O conceito de diálogo não é um mero substantivo ou complemento, mas é a cerne de sua proposta pedagógica.

A ação dialógica deve conectar as problematizações dos sujeitos em diálogo em um processo contínuo, pois a dialogicidade nunca é absoluta na vida dos homens, mas o homem vai aos poucos construindo canais de dialogicidade com seus semelhantes e se libertando em comunhão das relações de opressão que todos constroem, de alguma forma, na sociedade. A dialogicidade é um processo de busca constante, e não a chegada, pois não existe homem livre e liberto plenamente, mas a libertação é a busca da vivência dialógica, pois o “homem é um ser inconcluso”, incompleto. (FREIRE, 2016, p. 53).

Então, aceitar-se como ser um incompleto faz com que o homem se desprenda de seus próprios preconceitos e passe a construir dialogicidade com outro ser homem que também é um ser incompleto. Dessa forma, quanto mais os homens têm consciência de suas incompletudes, mais desenvolvem a capacidade de aceitação de seus semelhantes com seus defeitos, com as suas reproduções de dominação e, aos poucos a dialogicidade vai se tornando presente em suas relações e uma nova sociedade vai se construindo. Mas, isso será um processo sem fim. Então, a libertação está no processo de busca pela dialogicidade e não em sua conquista. Por ser inconcluso, imperfeito, o homem nunca será completamente dialógico, mas a libertação acontece pela experiência dialógica.

Para Freire (2016, p. 95), “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Os homens libertam-se juntos pela dialogicidade, pela palavra verdadeira que se configura na ação-reflexão-diálogo, nas ações individuais e coletivas que dialogam entre si. Mas, Freire deixa de lado os meios de produção intelectual, como os meios de comunicação, resumindo a dialogicidade como uma prática construída face a face, no contato presencial.

1.5. Emancipação intelectual e socialização dos meios de comunicação

Hans Magnus Enzensberger foi contemporâneo de Paulo Freire e construiu sua teoria sobre a emancipação do homem a partir do acesso e socialização dos meios de comunicação. Esse acesso, além de possibilitar a organização coletiva dos sujeitos sociais é capaz de potencializar suas ações e ainda, melhorar o próprio meio de comunicação. Para o autor o desenvolvimento das mídias eletrônicas carrega em si uma tendência intrínseca capaz de fazer todos falarem, o que permite que cada pessoa se torne um produtor liberando segundo o autor, “as forças de emancipação embutidas nessas novas forças produtivas.” (ENZENSBERGER, 2003, p.15).

Isso porque as mídias eletrônicas carregam em si forças capazes de emancipar aqueles que a manipulam por meio de suas forças mobilizadora. Entendendo como mobilização muito mais que reuniões entorno de algo, como uma caminhada, uma propaganda. A mobilização aqui é o ato de permitir a mobilidade, o movimento livre. Então, aquele que entende a organização dos homens apenas como objeto político, não pode mobilizar, pois para este os homens podem ser levados de um lugar para outro, de lado e para outro, isso não é mobilizar, isso é conduzir. Mobilizar é tornar livre para o movimento autônomo dos homens, para as livres decisões, caso contrário isso é alienação, é despolitização.

A capacidade mobilizadora da mídia é justamente ser democratizada para que cada homem seja, com ela, livre para construir caminhos de diálogos e de diferentes formas e necessidades de se expressar. O que dificulta uma democratização mais acentuada das mídias de comunicação é uma questão técnica. Para Enzensberger (2003), a diferenciação técnica entre emissor e receptor está relacionado à divisão do trabalho na sociedade entre produtores e consumidores, em outras palavras, uma relação política determinada pela elite do capital que busca sempre mais o monopólio de sua voz frente a uma massa de ouvintes dependentes. A crítica de Enzensberger ao monopólio da voz é estendida tanto aos grupos capitalistas, quanto aos grupos socialistas, que tendem a legitimar uma ideologia dominante, fato marcante na teoria de Freire (2016) e Benjamim (1934).

O monopólio feito pelas grandes corporações dos meios de comunicação participa de um sistema regulador que controla os emissores e para Enzensberger (2003, p. 21, ss., 22), “demonstra uma compreensão não dialética e obsoleta das mídias.” Por sua vez a construção de uma mídia dialética abriria caminhos para a destruição da instabilidade interna dos controladores da indústria das mídias eletrônicas, o que impulsionaria o caos e questionaria a credibilidade da elite que controla tal mídia. A dialogicidade na mídia eletrônica poderia tornar o ouvinte passivo em falante, romperia o véu que guarda a hegemonia daqueles que controlam os meios de produção dessas mídias eletrônicas, terrível para seus negócios, para suas posses, para seus status e seus privilégios.

Uma mídia de comunicação dialógica se constrói por dentro, manuseando-a e socializando a participação dos sujeitos. Mas, é comum discursos contrários à participação nos meios de comunicação por considerar esses meios como sendo tendenciosos que servem para alimentar uma ideologia dominante.

Enzensberger (2003) tece sua crítica àqueles que desclassificam o poder mobilizador das mídias eletrônica de comunicação e a reduzem como setores manipuladores das mensagens. Segundo o autor essa é uma atitude ingênua e, leva a crer que existe uma verdade pura e sem viés das notícias, uma mensagem pura que não sofre manipulação. Para Enzensberger a tese da manipulação das mídias torna-se um refúgio para grupos socialistas que não admitem sua própria falta de habilidades para agir nessas mídias.

O problema da “manipulação” pode ser mais bem refletido na prática. Se por um lado, o termo “manipulação” se refere aos trabalhos manuais, por outro lado, esse o mesmo termo sendo empregado às mídias de comunicação, ganha uma conotação pejorativa e política, de propagação ideológica, como uma habilidade capaz persuadir os sujeitos sociais, a manipulação dessa forma é vista como uma capacidade de mudar a percepção ou o comportamento das pessoas. Mas, nesse sentido não existe mídia de comunicação não-manipuladora, até mesmo as socialistas.

Toda mídia, quer seja de direita política ou de esquerda, busca direcionar um discurso e a construção da mensagem para influenciar seu receptor, desde a seleção da informação à construção dos textos, o

enquadramento, a luz, os recortes, a edição, entre outros. Todas buscam influenciar e convencer. Para Enzensberger (2003), o debate não deve enveredar pelo caminho de verificar se uma mídia é manipulada ou não, mas sim quem a manipula: isso é fundamental para determinar o grau de democratização de tal mídia. No entanto, a dita manipulação ideológica não é tão perigosa do que a manipulação técnica. Pois, é o acesso à técnica que pode transformar o expectador passivo em sujeito ativo, sendo necessária, mas não determinante as condições financeiras.

Conforme as grandes corporações se apropriam das tecnologias de construção de mídias de comunicação, monopolizam suas técnicas e com o apoio dos governos legislando a seu favor, ampliam o distanciamento entre as massas populares e as técnicas de construção e manuseio dessas mídias. É como se quisessem convencer que a técnica é resultado de uma inteligência superior e muito distante das massas populares, como se a construção de mídias de comunicação fosse algo complicada de se fazer e que esse conhecimento dever ser manipulado por uma elite detentora dessa capacidade.

Mas, uma vez decifrada a tecnologia de construção e manipulação dessas mídias pelas massas populares, caem as mascaras e as convicções assimiladas do “não consigo fazer”, dão lugar “posso fazer também”. Nesse caso entra em ação uma orquestrada legislação que impõe barreiras e lança qualquer tentativa de manipulação popular das mídias, para a marginalidade, criminalizando-as.

Com a socialização da técnica de construção e manipulação das mídias de comunicação pela sociedade, cai por terra o pensamento de que essas mídias são frutos de uma inteligência burguesa. Isso abalaria seus sistemas de produção, seus meios de manipulação e dominação. Por outro lado, permitiria que cidadão pudesse construir suas próprias ferramentas de comunicação a seu modo, o que coloca em cheque o monopólio das grandes corporações capitalistas das mídias de comunicação. Mas, para isso seria necessários primeiramente romper a crosta constituída pelo Estado como o único mandatário das concessões.

A crítica de Enzensberger à regulamentação do Estado é porque as concessões impedem uma maior liberdade e ainda criminaliza qualquer tentativa de socialização dos meios de comunicação entre o povo. Isso porque

o sistema de concessão do Estado tem caráter político de controle, mas também econômico, buscando tirar dos sujeitos de uma sociedade qualquer capacidade produtiva. Esse é o mesmo pensamento daqueles que julgam que a massa não tem capacidade de se governar, que a inteligência não está ao seu alcance, que a massa popular precisa ser conduzida, “trata-se do equivalente cultural dos famosos juízes políticos sobre a classe operária evidentemente ‘idiotizada’, inapta para qualquer tipo de autodeterminação”. (ENZENSBERGER, 2003, p. 52).

A proposta de Enzensberger (2003) é o uso socialista das mídias, avançando rumo à produção coletiva. Assim, a nucleação da coletividade é o princípio norteador para qualquer mídia socialista, além de uma programação descentralizada que possibilite aos receptores se tornarem também emissores potenciais, além da participação na gestão do coletivo, valorizando o diálogo, a opinião do grupo.

Isso é muito perigoso, pois é assumir um movimento de questionamento, mais que isso, um movimento de destruição hegemonia das elites capitalistas e intelectuais advindos da burguesia, um movimento que oferece o mesmo espaço, tanto ao intelectual burguês, quanto ao operário. Em outras palavras é o mesmo que dizer que a inteligência da produção de intelectualidades se encontra também no proletariado, nas classes mais pobres e silenciadas das metrópoles, nos becos e vielas dos cortiços, nos vilarejos e comunidades.

Enzensberger (2003) propõe uma teoria emancipatória dos indivíduos por meio da socialização dos meios de comunicação, que valorize a produção e gestão coletiva, uma mídia de comunicação dialógica, que supere a dicotomia entre emissor-receptor e esteja disponível aos sujeitos como espaços dialógicos, não somente construído pela socialização dos meios de comunicação, mas também pela socialização da técnica de produção das mídias eletrônicas.

2. A AVENTURA INTELECTUAL DE TRÊS JOVENS AMAZONENSES

Com a chegada do período chuvoso nas cabeceiras da bacia do Amazonas, muitos igarapés, aparentemente mortos, abrem caminhos pela floresta em busca do grande rio, o Solimões. Cursos d'águas que rompem barreiras, fecundam as terras e saciam o povo. Como os igarapés que se enchem e abrem caminhos quando o tempo é favorável, assim também povos da floresta e das águas singram suas vidas em caminhos sinuosos, torrentes e inesperados. Caminhos que permitem aprender a fazer e a ser, com seus semelhantes e com a própria natureza, como se a natureza fosse um prolongamento de si.

Aprender! Um conceito que o *caboco* da região desenvolve no seu afazer diário, nas suas coisas. Como a cunhatã que acocada na popa da canoa, observa e aprende com sua mãe a flechar o peixe: o silêncio, a respiração, o momento certo para o lance do arpão, ou como o curumim que aprende a tirar som na grande Samaúma para comunicar-se com os semelhantes. Essas trajetórias de aprendizagem formam caminhos diversos, guiados pela atenção e a busca, uma emancipação necessária e forçadamente gestada por inteligências iguais, verdadeiras aventuras intelectuais.

A aventura intelectual de Ismaely Castro, Lucas Ramos e Márcia Pinheiro é um misto de descobertas e construções, individualidade e coletividade, caminhos que se cruzaram em uma emaranhada teia de relações. As aventuras desses três jovens carregam em suas singularidades aspectos marcantes do aprender a ser e fazer, resultado de suas descobertas nas interações com outros jovens, comunidade, acadêmicos, ribeirinhos, uma aventura que se desdobra a partir da socialização de meios de comunicação que eles aprenderam manipular.

Eu conheci esses três jovens no ano de 2006. Na época, eram para mim, apenas algumas crianças que moravam no bairro Abial e que estudavam na Escola Estadual Getúlio Vargas, na qual eu iniciei, naquele ano, a minha carreira profissional como professor de Matemática, aos vinte e três anos de idade.

Muita coisa marcou minha estadia naquela escola: o ambiente apertado e quente (porque o prédio da escola estava em reforma e as aulas aconteciam em um galpão improvisado), a longa trajetória de casa à escola quase sempre feita à pé, tendo que atravessar de canoa o igarapé do Xidarini. Mas, sobretudo, foi marcante para mim ficar no Abial, caminhar pelo bairro, conviver com as pessoas, com as crianças, conhecer mais sobre o lugar que para mim era cheio de novidades e enigmas. Digo isso porque eu tinha certos preconceitos acerca do lugar, e os motivos desses preconceitos estão contemplados em parte, nos relatos que vamos encontrar pela frente.

O meu serviço como docente na escola do bairro permitiu o envolvimento com algumas pessoas do lugar, em especial com os estudantes, primeiramente por se tratar de minha primeira experiência como docente, por ter conquistado confiança dos adolescentes e por poder tentar colocar em prática as concepções pedagógicas que eu acabava de conhecer na academia.

Com alguns estudantes eu pude estabelecer uma relação de amizade. Com eles eu tive uma aproximação maior por iniciativa minha, mas a cima de tudo, pelo acolhimento dos próprios estudantes. Entre aqueles que transcendendo a relação professor-estudante e se tornaram meus amigos estão Ismaely, Lucas e Márcia.

Eu gostava muito de ficar com os estudantes e ajudá-los a conhecer as coisas relacionadas à matéria escolar, também gostava de aprender com eles sobre suas coisas: as relações com as pessoas do bairro, as relações entre seus grupos de amizade, suas brincadeiras e seus gostos. Eu achava tudo aquilo muito interessante, pois conviver no Abial me trouxe muita aprendizagem sobre o bairro, as pessoas e o modo de ser naquele lugar.

Nos anos seguintes eu já não ministrava aulas para eles, mas como fazíamos parte do cotidiano da mesma escola, mantivemos a proximidade, inclusive no ano de 2009, Lucas e Márcia fizeram parte de uma equipe de pesquisa que eu coordenava na escola Estadual Getúlio Vargas. Essa pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, nela investigávamos o impacto da criação de um laboratório de Matemática na escola. Nesse período do projeto, eu já não tinha mais contato com Ismaely, porque ela estudava em outro turno.

Meu contato com aqueles estudantes ficou ainda mais difícil a partir do ano de 2012, ano em que eu deixei de ministrar aulas no Abial. Nesse mesmo ano assumi uma carga de Matemática na Escola Estadual Deputado Armando de Souza Mendes, também conhecida como GM3, onde lá permaneci. Desde lá, passei muito anos sem encontrar Ismaely, Lucas e Márcia.

Depois que deixei de lecionar no Abial, meu contato com os jovens se resumiu a algum “olá, tudo bem?”, pois já não existia mais aquela proximidade do tempo de escola, eles cresceram e nossas vidas tomaram rumos diferentes. Vi algumas vezes Ismaely passando pelos corredores do Centro de Estudos Superiores de Tefé e sabia que ela havia trabalhado no Instituto Mamirauá. Eu acompanhava as postagens de Lucas em redes sociais, sempre com fotos bonitas e temas interessantes. Mas, de Márcia não tinha nenhuma notícia, nem a via na cidade, nem nas redes sociais.

Fiquei surpreso ao saber que eles tinham participado de um movimento de rádio na escola onde estudaram no ano de 2010, exatamente no período em que eu ainda estava no Abial, na mesma escola. Talvez por não lecionar para eles naquele ano, não percebi esse movimento. Fiquei sabendo disso ainda na minha pesquisa exploratória, quando eu escutei algumas gravações do arquivo do centro de mídia independente de Tefé. Escutei o depoimento de Lucas e Márcia. Nesse depoimento eles falavam que Ismaely também participou. Então foi buscar saber como isso tinha acontecido.

Inicialmente fiz contato com Lucas e Ismaely por meio de redes sociais, posteriormente nós marcamos um encontro presencial. Já com Márcia foi diferente. Para encontrar Márcia eu tive que voltar ao Abial e procurar sua residência. Primeiramente fui à casa de Lucas e pedi informações sobre a casa de Márcia, em sua casa recebi informações precisas de onde a encontrar.

Conversei muito com os três, seja por mensagens de texto via celular, seja presencialmente. Cada um deles escolheu livremente o que contar sobre suas experiências acerca do que viveram no que chamamos de “aventura intelectual”, que iniciou escola onde estudavam, passando pela universidade e na nucleação de um grupo autônomo no bairro onde moravam.

Os relatos dessas experiências são perpassados pelo que chamamos de socialização de meios de comunicação, que para nós é o ato de tornar social

ou comum a uma sociedade aos meios de comunicação, ou ainda a coletivização dos meios de produção de comunicação.

Todos os relatos de experiências foram gravados e armazenados em arquivos de áudios, primeiramente na memória do celular e posteriormente arquivados. Essas gravações de áudios estão disponíveis em meu arquivo pessoal e disponibilizado ao Centro de Mídias Independente de Tefé e aos próprios informantes.

A aventura apresentada por Ismaely, Lucas e Márcia fez parte de uma teia de relações que se construiu a partir de um projeto de pesquisa e extensão universitária na Escola Estadual Getúlio Vargas, onde eles estudavam. Por meio desse projeto eles construíram laços com jovens de outro projeto de extensão que colocava no a rádio Xibé, direto das dependências do Centro de Estudos Superiores de Tefé. Por fim, Lucas e Márcia ajudam a nuclear, no próprio bairro, um grupo chamado por eles de “coletivo Voz da Ilha” e Ismaely teve participação em um jornal impresso da cidade chamado de O Solimões.

O projeto de extensão constituiu um grupo na escola que Lucas e Márcia chamaram de “pescadores de notícias”, esse grupo produziu um jornal de mesmo nome. Eles se reuniam para debater temas diversos e buscava na confecção desse jornal uma forma de apresentar para a comunidade escolar o que estavam descobrindo e aprendendo, envolvendo-a nesse debate. Era um jornal construído pela coletividade, um espaço de discussão da realidade problematizada pela teoria que eles pesquisavam, individual e coletivamente.

Quando falamos que o jornal pescadores de notícias era construído coletivamente queremos dizer que aconteciam reuniões nas quais o grupo discutia as temáticas que seriam apresentadas no jornal, além de definir as responsabilidades de cada um na composição das matérias: havia aquele que coletava os dados ou buscava as notícias; outro registrava as fotografias; tinha aquele que se apresentava para fazer reportagens; também havia o que fazia a digitação e diagramação dos textos.

Esse grupo tinha uma atuação bem orquestrada na construção do jornal. Embora houvesse uma distribuição de tarefas bem definidas na confecção desse jornal, os jovens atuavam junto e aprendiam de tudo, participavam coletivamente de várias funções e estavam sempre compartilhando responsabilidades.

Mas, como esse jornal começou a fazer parte da rotina do grupo? Tudo começou com um pequeno grupo coordenado pelo professor Feliciano Parente. Ele era docente do Centro de Estudos Superiores de Tefé e também da Escola Estadual Getúlio Vargas, onde estudavam Ismaely, Lucas e Márcia. Nessa escola Feliciano coordenava um projeto de extensão universitária e, Lucas e Márcia faziam parte desse projeto.

Inicialmente era apenas um grupo que se reunia para exibir filmes temáticos, fazer leituras e debates de diversos temas relacionados a realidade local e suas relações mais gerais, temas como meio ambiente, gravidez na adolescência, drogas e relações sociais. Quando o tema foi sobre comunicação o Feliciano convidou Maria de Fátima para participar. Ela era docente no mesmo centro universitário que Feliciano e tinha experiência no ramo do jornalismo.

Maria de Fátima participou do encontro que tratou sobre comunicação e gostou. Depois participou de outro e de outros. Ela gostou tanto do lugar e das pessoas que propôs um projeto de extensão com formato parecido daquele que era coordenado pelo Feliciano. Ao longo do tempo os dois professores e seus projetos trabalhavam juntos: encontros para debater temáticas e produzir o jornal. Em um desses encontros Maria de Fátima levou consigo alguns acadêmicos do Centro de Estudos Superiores de Tefé que eram membros rádio Xibé. Era uma rádio que estava no ar a partir das dependências da universidade e dela vamos falar mais adiante.

O contato com os acadêmicos membros da Xibé foi decisivo para que Ismaely, Lucas e Márcia pudessem manusear mais um meio de comunicação, além do jornal que já estavam confeccionando. Ismaely além de produzir matérias para o jornal O Solimões, com incentivo do próprio dono do jornal, também participou de alguns encontros organizados pelo projeto da escola, do qual Lucas e Márcia faziam parte. Como Ismaely já tinha certa experiência com jornal, o grupo da escola a convidou para contribuir em alguns encontros de troca de experiências. Nesses encontros, também estiveram presente os alguns jovens acadêmicos que eram membros da rádio Xibé.

O Solimões era um jornal de circulação local, idealizado e produzido por Raifran Brandão, dono do jornal. Ele trabalhava sozinho na produção e vendendo o jornal pela cidade e, chamou Ismaely para trabalhar com ele. Inicialmente

ela vendia jornal pelas ruas e praças da cidade, depois passou a fazer fotografias e até escrever matérias. Isso aconteceu no mesmo tempo em que Lucas e Márcia produziam o jornal Pescadores de Notícias na escola com o grupo de extensão. Essas experiências em comunicação uniram os jovens secundaristas e os acadêmicos membros da Xibé naquele encontro sobre comunicação que Maria de Fátima participou.

A interação entre os jovens secundaristas e jovens acadêmicos membros da rádio Xibé, contribuiu para que Ismaely, Lucas e Márcia pudessem produzir seu próprio programa de rádio: Nas Batidas da Samaúma. Esse programa foi transmitido semanalmente pela rádio Xibé, durante uma hora nas tardes de sábado.

Posteriormente, com o apoio de membros da Xibé, os jovens do projeto da escola nuclearam seu próprio grupo, sem a participação direta de professores da escola ou da universidade. Esse grupo produziu um jornal, chamado de Voz da Ilha, uma referência ao bairro onde moravam e atuavam, pois o Abial no período de cheia do Rio Tefé fica cercado suas águas e alguns chamam o lugar de Ilha do Abial. O grupo Voz da Ilha, além do jornal, levou ao ar uma rádio com o mesmo nome do grupo, tendo Lucas e Márcia como uma de suas lideranças.

2.1. O reencontro

Márcia Pinheiro foi a primeira informante com quem eu tive um encontro presencial para a pesquisa que originou esse trabalho e os diálogos com ela foram frequentes, principalmente pelo aplicativo de mensagem. O nosso diálogo mais prolongado aconteceu no dia 22 de Abril de 2018. Aconteceu ainda outro encontro no dia 16 de Fevereiro de 2019, no Centro da cidade. Depois disso ficamos nos falando somente pelo aplicativo de mensagem.

Encontrar-me com ela depois de alguns anos foi muito significativo para mim, pois a imagem que tinha dela era a da adolescente para a qual ministrei Matemática no nono ano do Ensino Fundamental. Uma jovem muito tímida para falar, mas muito dedicada nas tarefas escolares.

Em uma das vezes que fui procurar Márcia, encontrei-me com sua mãe. Ela disse que sua filha estava morando nas proximidades da Praça do Remanso do Boto, no centro de Tefé. Quando cheguei ao endereço que recebi, encontrei Márcia almoçando. O cheiro gostoso de peixe frito tomava conta do local e, assim que ela viu-me, veio ao meu encontro. Logo trouxe uma cadeira e pediu para eu ficar à vontade.

Em seguida, ela voltou à cozinha, foi lavar as mãos e se preparar para nossa conversa. Ficamos na calçada que fica bem na frente da casa onde ela estava morando, de frente para a Praça do Remanso do Boto. Lá mesmo, aconteceu a nossa mais longa conversa sobre sua aventura no jornalismo e no rádio. Os diálogos com Márcia continuaram pelo aplicativo de mensagem, sendo necessário ainda mais um encontro presencial, pois eu estava com algumas dúvidas acerca de alguns temas.

A segunda pessoa que aceitou ser informante na pesquisa que gerou esse texto foi Lucas Ramos. O meu principal e mais longo encontro com ele para tratar de sua experiência com os meios de comunicação na época de estudante secundarista aconteceu no final da tarde do dia 19 de Setembro de 2018, no escritório da Pousada Uacari, localizado no prédio da Paróquia de Santa Teresa, na Quintino Bocaiúva, nas proximidades da Catedral de Santa Teresa, no centro da cidade de Tefé/AM. Esse encontro foi marcado por mídia de comunicação digital, semanas antes. Depois de alguns desencontros, por falta de tempo e conciliação das agendas de trabalho o encontro aconteceu. Antes de nos encontrarmos pessoalmente para tratar do assunto da pesquisa,

conversei com Lucas muitas vezes, principalmente por meio de aplicativo de mensagens.

Naquele dia 18 de setembro, Lucas estava em seu ambiente de trabalho e, por conta disso fiquei muito receoso ao chegar lá. No entanto, ao adentrar na sala, vi que o ambiente era muito descontraído, embora todos no ambiente estivessem muito concentrados no que faziam. Havia aqueles que escreviam, outros estavam lendo, alguns conversavam sobre algo relacionado ao trabalho. Lucas era um daqueles que estavam escrevendo.

Quando nos vimos, imediatamente parou o que estava fazendo e veio me recepcionar. Ele me convidou para ir a uma espécie de cozinha do escritório. Disse que lá poderíamos conversar melhor. Era um local pequeno, com cerca de nove metros quadrados. Nesse local havia uma mesa e algumas cadeiras. Ali ficamos e conversamos por aproximadamente duas horas.

A última pessoa que concordou dar informações sobre sua vida e seu relato de experiência nos meios de comunicação foi Ismaely de Castro. Ela foi a terceira pessoa com quem me encontrei. Ela tinha uma rotina muito preenchida com as ocupações de docente em uma escola da zona rural do município de Tefé, estudante em um curso técnico e aulas de direção em uma autoescola da cidade.

Meu primeiro encontro com Ismaely aconteceu no dia 15 de julho de 2018, durante a tarde, na casa de sua amiga Vanessa e o segundo encontro aconteceu em sua residência, na estrada da Emad, na zona rural do município. Ela lecionava em uma escola próxima de sua residência e, pelo fato de está estudando em um curso técnico na zona urbana, obrigava-se a ir à cidade no final da tarde de segunda a sexta-feira, durante todos os dias da semana, pois seu curso acontecia à noite.

Meu reencontro com Ismaely, Lucas e Márcia foi um momento muito importante para conhecer mais daquela experiência que eles construíram com os meios de comunicação, dos detalhes dos acontecimentos e de suas interpretações, conhecer suas histórias de vidas, de suas expectativas e como tudo isso se relacionou.

Reencontrá-los foi uma grande satisfação. De fato, estabelecemos laços de amizade no período em que estivemos na mesma sala de aula e, sempre

torci muito para que eles tivessem boas oportunidades para mostrar suas potencialidades.

Poder conversar com eles novamente e saber por meio de suas narrativas como se desenrolou suas vidas desde o tempo em que deixamos de conviver, era a oportunidade de conhecer mais sobre seus processos, projetos, realizações e frustrações. Era importante saber deles, de primeira mão, sem tradutores, sem intermediários e, dessa forma poderíamos captar seus sentimentos, suas explicações, seus conceitos, suas ideias.

2.2. Os Pescadores de Notícias e o Solimões

“Pescadores de notícia”. Assim foi chamado o jornal construído na Escola Estadual Getúlio Vargas, no bairro do Abial. Esse jornal fazia parte de um projeto de extensão e pesquisa entre professores do Centro de Estudos Superiores de Tefé e alguns estudantes dessa escola. O Solimões era um jornal impresso idealizado e produzido por Raifran Brandão, professor de Língua Portuguesa e ex-estudante do Centro de Estudos Superiores de Tefé, onde também militou no movimento acadêmico.

No ano de 2009, Feliciano Parente, professor da Rede Estadual de Educação do Estado do Amazonas, iniciou na Escola Estadual Getúlio Vargas, onde lecionava Língua Portuguesa, um projeto de pesquisa para investigar e discutir alguns temas relacionados ao cotidiano do bairro do Abial, local onde ficava a escola. Nesse projeto os estudantes observavam a realidade do bairro, discutiam entre si o que haviam observado e faziam leituras teóricas acerca dessas temáticas.

Entre os muitos estudantes que participaram desse projeto, temos as figuras que se tornaram sujeitos informantes da pesquisa, que gerou esse trabalho: Ismaely de Castro, Lucas Ramos e Márcia Pinheiro. Segundo Márcia, a temática pesquisada pelo grupo era muito ampla e ela conseguiu sistematizar assim: “o grupo pesquisava sobre meio ambiente e saneamento básico”. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

Márcia não lembrava no momento da entrevista o que dizia exatamente o projeto. Talvez ela não tivesse nem acesso ao projeto escrito pelo professor Feliciano. Procurado, o professor Feliciano já não tinha mais o projeto, mas o modo como Márcia resumiu o projeto, como sendo uma questão de “meio ambiente e saneamento básico”, refletia bem o que ela estava interessada naquele momento. Ela queria debater o bairro onde morava e crescia. Colocar na roda de discussão o bairro e seus espaços, suas construções, as pessoas do lugar, o meio ambiente, o poder público e como isso tudo se relacionava.

Além das observações do cotidiano do Abial, o grupo realizou “oficinas” de leituras e debates de textos relacionados aos temas observados. O termo “oficina” é usado por Lucas e Márcia para denominar as reuniões dos membros do projeto na escola. As oficinas aconteciam e ao mesmo tempo em que tomavam formas e novas pessoas poderiam se integrar ao grupo, mesmo que

não fizesse parte da escola oficialmente. “Em desses encontros o professor Feliciano levou a professora Maria de Fátima para fazer uma oficina de jornal. Acho que de mural. Ela gostou tanto dos alunos, do trabalho que foi desenvolvido e, a gente disse: ‘vamos desenvolver outra oficina’”. (Entrevista com Lucas, 19 de setembro de 2018).

Maria de Fátima Ferreira é “socióloga e também formada em comunicação social”. (FIGUEIREDO, 2015, p. 294). No ano de 2010, ela foi docente do Centro de Estudos Superiores de Tefé e por intermédio do professor Feliciano, que também era seu colega de trabalho na universidade, ela conheceu o grupo do Abial que Feliciano coordenava.

A professora Maria de Fátima levou para o grupo sua experiência de comunicação social e ajudou os alunos na construção de um jornal chamado por eles de “pescadores de notícias”, passando a liderar um segundo grupo na escola que tinha uma atuação com jornal. “No início eram duas turmas: a da professora Maria de Fátima e a nossa. Daí o professor achou melhor juntar. Daí a gente começou a fazer o jornal: o ‘pescadores de notícias’. E nós fazíamos um jornal no projeto”. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

A experiência de comunicação desenvolvida pelo grupo gerou mais do que informação, gerou reflexão. É claro que havia notícias circulando nas rodas de conversas, mais que isso, existia ideias sendo construídas, ideias de transformação local. O grupo passou a pensar em sua própria realidade e propor mudanças, se caso julgassem necessário. Podemos imaginar o turbilhão de informações que passava por esse grupo, do que eles leram e o que aprenderam. Mas, o que fazer com tudo o que os estudantes estavam descobrindo e produzindo sobre o bairro onde moravam? Como eles relacionavam seu local com as teorias globais?

Maria de Fátima teve uma ideia, um tanto quanto inusitada para aquela realidade. Ela propôs a criação de uma espécie de imprensa estudantil. O grupo da escola embarcou naquela ideia: produzir notícias, gerar debates sobre assuntos diversos encontrados no bairro. Talvez sem perceber, mas os estudantes estabeleceram caminhos de construção de conhecimentos. O jornalismo ganhou espaço no grupo com o ingresso de Maria de Fátima. A sua

experiência de comunicação social imprimiu no grupo uma dimensão de ajuri⁴. É lógico que Feliciano como orientador primeiro da equipe, e advindo de movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, com forte atuação em grupos de Direitos Humanos, atualmente professor universitário, também ele tendia em conduzir os encontros com o grupo em uma linha de reflexão da realidade e, Maria de Fátima ao inserir sua experiência de jornalismo, possibilitou ao grupo ampliar, de certa forma as rodas de conversas que já vinham desenvolvendo na escola.

Maria de Fátima e Feliciano lideram projetos de extensão diferentes, mais que se entrelaçavam: das reuniões e debates de temas diversos sobre o bairro era produzido o jornal Pescadores de Notícias. Uma espécie de imprensa escolar que visava discutir os diversos assuntos do bairro em artigos de opinião construídos a partir de entrevista com moradores, pesquisas individuais em livros, revistas e internet. Em uma dessas oficinas sobre comunicação que preparou o jornal, Maria de Fátima levou consigo acadêmicos do Centro de Estudos Superiores de Tefé:

E nessas outras oficinas que ela [Maria de Fátima] levou alunos da universidade para trocar ideias com a gente. Ai você imagina a diferença que era, universitários conversando com alunos do Ensino Fundamenta e Médio. E nessa troca de experiência, nessa conversa, a gente descobre que tinha essa rádio livre em uma das aulas que era comunicação livre, porque o nosso jornal era um jornal livre. Então, a gente descobriu que tem rádio livre, que tem televisão livre, que tem a internet livre, que basicamente várias coisas são livres. Ai a gente foi sabendo da rádio Xibé. (Entrevista com Lucas, 19 de setembros de 2018).

O encontro entre os acadêmicos do Centro de Estudos Superiores de Tefé não foi casual para Lucas. Ele acredita que Maria de Fátima já tinha esse interesse, de colocar os diversos grupos que faziam comunicação para conversar entre si. O fato de ela levar consigo os acadêmicos para uma reunião da equipe do Abial mostra que partiu dela esse encontro, pois os acadêmicos não conheciam o trabalho desenvolvido no Abial antes da ponte feita por Maria de Fátima.

⁴ Termo muito utilizado entre os agricultores e indígenas para ações construídas em mutirão, feito comunitariamente.

É muito interessante que Lucas enxerga uma diferença grande entre os dois grupos, ele não destaca outra coisa a não ser o nível de escolaridade entre eles. Será que Lucas pensava que os acadêmicos tinham mais importância no debate que os estudantes do Ensino Fundamental e Médio? Será que o grupo de estudantes do Abial se sentiu intimidado com a participação dos acadêmicos que Maria de Fátima levou consigo? Até que ponto os níveis de escolaridade guiam os debates entre as pessoas? O que nos parece é que ao longo dos outros encontros, essa distância marcada por Lucas entre acadêmicos e secundaristas foi diminuindo e o que surge é uma espécie de cumplicidade entre os grupos, isso vamos ver mais adiante.

Parece-nos que a ideia de Maria de Fátima era chocar e fazer descobertas, as diferentes realidades juntas não se hierarquizavam, mas se enriqueciam mutuamente. De fato Lucas revelou que durante as oficinas de comunicação que o grupo fazia com a professora, passaram a refletir sobre sua própria ação de comunicação, o que vai ser decisivo para o tipo de jornalismo que eles iriam fazer com o passar do tempo. A ação que gera reflexão coletiva, que muda a ação do grupo.

É assim que Freire (2016) imaginava o processo de libertação dos homens, um movimento de comunicação face a face na construção do jornal e todo o seu processo, uma ação coletiva fundada na palavra verdadeira: ação-reflexão-diálogo. Aos poucos os jovens foram se apropriando de conceito de comunicação livre pelo contato com outro grupo que atuava na cidade, membros da rádio Xibé, embora discutir comunicação livre não fosse o objetivo inicial do projeto. Essa experiência remeteu os sujeitos do projeto a novas experiências de comunicação, como afirma Márcia Pinheiro em seu relato:

A gente tentou fazer todas as experiências possíveis relacionadas ao nosso trabalho que era falar sobre meio ambiente, sobre questões sociais em geral. E daí para a gente melhorar o nosso processo, os professores tiveram a ideia do jornalismo. Então, fomos aprendendo com uma jornalista que veio de São Paulo, se não me engano: a professora Maria de Fátima. Ela deu aula na UEA. Ela nos ajudou muito. Porque ela veio desse ramo, o jornalismo. Ai a gente foi aprendendo com ela. Depois que ela saiu, o professor Feliciano deu a ideia também da rádio. Já acontecia da rádio xibé na UEA e daí nós procuramos informações para saber se nós poderíamos fazer o nosso programa. (Entrevista com Márcia Pinheiro, 22 de abril de 2018).

Márcia reforçou a influência dos professores na construção do projeto e na viabilização da participação do grupo em outros meios de comunicação. O professor (intelectual) instiga a participação dos jovens no jornal e também na rádio. Parece que os intelectuais queriam fazer dos jovens protagonistas nos meios de comunicação possíveis, para que eles pudessem ter voz. O jornalismo que Márcia aprendeu a fazer foi uma estratégia para ampliar o debate sobre as questões sociais ligadas ao meio ambiente e ao bairro, isso movimentou a equipe de estudantes, a escola e a comunidade.

Olha. Era bem difícil fazer o jornal, porque a professora era muito rígida. Uma vez, ela mandou a gente fazer uma entrevista, mandou a gente fazer uma pauta para o jornal e daí todos nós fizemos. Fomos levar para ela. Ela falou na nossa cara que não estava bom. Ela falou: "isso não tá bom. Vocês acham que vocês irão publicar isso?". A gente várias vezes teve que refazer. Sempre que a gente fazia, tinha que refazer várias vezes. Até acertar. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

O relato de Márcia ganha uma entonação diferente em sua voz enquanto falava, ela queria mostrar o quanto era difícil escrever como a professora exigia. Claro que os estudantes poderiam falar sobre muitos assuntos, mas as matérias tinham uma técnica que precisava ser seguida, um padrão característico que os jovens precisavam imprimir em suas matérias. A comunicação no jornal não era de qualquer forma, não acontecia de qualquer jeito. Não era somente ter o espaço do jornal, mas era preciso fazer bem feito para que a comunicação se tornasse eficiente, legível, compreensível.

Segundo Benjamin (1994) a emancipação intelectual acontece quando os meios de produção intelectual são socializados e o homem pode usar para falar das suas coisas, ele mesmo deve falar e não reproduzir o que outros querem. Ele criticou a intelectualidade que se solidariza com a classe operária somente no mundo das ideias e não se revelava em um cotidiano engajado com a causa dos operários. Pelo contrário, o intelectual que está de fato engajado à causa operária usa de sua intelectualidade não para representar o pensamento dos trabalhadores, mas sim para fazer deles também autores, independentemente do sistema, seja imprensa, música, teatro etc.

De fato, não livre de uma tendência paternalista o serviço de assessoria aos grupos do projeto de extensão. Pelo menos, nas palavras de Márcia isso fica evidente em alguns momentos no trabalho feito pelo grupo de extensão.

Pelo que vemos nas falas de Márcia, aqueles que assessoram grupos de extensão, por muitas vezes, são geridos por uma condução quase que coercitivas, ou até mesmo sendo em alguns momentos.

Mas, os caminhos percorridos pelo grupo do Abial são um caminho não trilhado, não conhecido, tudo era novo para todos. Por mais que os professores conhecessem a norma culta da língua Portuguesa, eram os estudantes que buscavam os assuntos e escreviam as matérias, por mais que a professora conhecesse a técnica de diagramação do jornal, os alunos moravam no bairro e faziam reverberar as manchetes em sua comunidade. Esse trabalho era uma troca, uma troca de conhecimentos, professores e estudantes atuando juntos, oferecendo o que tinham de conhecimento para que o jornal fosse o espaço de comunicação comunitária que estava se tornando.

No entanto nos salta aos olhos as palavras de Márcia que mostram que de muitas formas os professores guiavam a ação dos estudantes: com orientações de como deveriam fazer as matérias, as palavras que tinham que usar, os termos que deveriam escrever. A relação com a professora é sempre lembrada por Márcia como uma relação de rigidez. Não poderia escrever de qualquer forma, havia um jeito que ela deveria fazer. Márcia estava presa ao modo “certo” de fazer as matérias, não poderia fugir daquilo que era explicado e orientado. Nesse momento, pelo que falou Márcia, o jornal era uma imprensa muito ditada pela professora. E Márcia assimilava que deveria ser feito como a professora queria que fizesse, pois repetia várias vezes até o texto ficar como a professora esperava.

Era como se Márcia fosse dependente das explicações da professora. Uma dependência externa, na concepção de Márcia. A ação do mestre explicador é sempre uma ação de dependência dos ignorantes como diz Rancière (2015), pois o mestre precisa ensinar, explicando como seu discípulo deve fazer. O exercício de explicar as coisas é seguido da suposição de que o ignorante nada aprende sem a orientação daquele que monopoliza o saber. O mestre explicador guia os passos de seu discípulo para onde quer que ele caminhe em uma aprendizagem de conta gotas, uma lição a cada vez, um pouquinho a cada dia e, por mais que o discípulo estude, por mais que ele busque, nunca alcançará o mestre, pois sempre haverá uma lição nova, uma

coisa que o mestre não ensinou. Ambos, mestres e ignorantes alimentam em si a dependência ao outro.

Embora houvesse um movimento de socialização do jornal junto à comunidade, esse movimento era limitado a algumas entrevistas, pelo menos nesse momento. As entrevistas que faziam eram oportunidades para dialogar com as pessoas, conhecer suas opiniões, de confrontar com as informações que recebiam de suas leituras e dos debates com seus colegas de jornal, mas se limitava a somente isso.

O que nos chama a atenção é que embora os estudantes do jornal Pescadores de Notícias fossem aqueles que escreviam as matérias sob a assessoria da professora, esses mesmo jovens também eram parte da comunidade, estava no bairro vivendo os acontecimentos. Eles eram mais sensíveis aos problemas levantados nas entrevistas, porque o grupo fazia parte da comunidade, havia uma relação de vizinhança, de parentesco, de muita proximidade com a comunidade. Então, os estudantes fizeram de sua capacidade de gerar o debate por meio jornal um canal de comunicação que tornou os comunitários co-autores das notícias que eram sujeitos.

Então, tinha pessoas que escreviam, os repórteres que iam buscar as informações. A gente envolvia *bastante* pessoas. Era legal. Era uma atividade muito legal. Nós lemos muito sobre empoderamento, empoderamento pessoal, empoderamento artístico. E acho que todo mundo amadureceu muito nessa militância, posso chamar assim, esse momento de aprendizagem. Todo mundo foi amadurecendo muito e hoje *tá* todo mundo aí: cidadão crítico, dono de si, empoderado, questionando tudo. Porque acho que principalmente os meios de comunicação comercial, eles empurram muita coisa ouvido a baixo da gente. E a gente não está acostumada a questionar. Porque é ato de rebeldia e tal. E na verdade não funciona assim. A gente deve questionar, porque a gente tem o direito de saber a verdade, não só um lado da coisa toda. (Entrevista com Lucas, 9 de setembro de 2018).

Havia uma divisão de tarefas e responsabilidades no jornal e, isso facilitava a articulação das ações, ao mesmo tempo em que possibilitava que mais jovens pudessem participar. Era uma construção coletiva do jornal, embora já tenhamos discutido o papel dos professores na elaboração dos textos. Esse modelo de socialização dos meios de comunicação favoreceu o fortalecimento do grupo de estudantes. Esse caminho nos meios de comunicação foi defendido por Enzensberger (2003) como uma forma de

emancipação, para o autor o modelo coletivo é identificado pela horizontalidade do coletivo em sua organização, pela participação de todos na produção e gestão do sistema. Pelo relato não podemos avaliar se os estudantes tinham participação na gestão do projeto ou se isso ficava a cargo dos professores.

O amadurecimento das ideias acerca dos assuntos discutidos no jornal é algo consciente na trajetória, pelo menos na percepção de Lucas. Para ele os jovens foram apreendendo nas oficinas. Essas oficinas apresentam os aspectos suscitados por Freire (2016) como sendo capazes de libertar os homens: ação-reflexão-diálogo. Lucas enxergou esse processo como capaz de despertar a criticidade dos jovens, capaz de selecionar informações para analisar com autonomia, desenvolvendo os próprios pensamentos. Questionando tudo para sempre descobrir novos pontos de vistas. Esse pode ser o ponto de vista que Lucas tem de si mesmo e, que externaliza aos demais do coletivo, pois para ele todos se tornaram críticos e com segurança para falar o que precisam falar.

Um fato que intriga nesse relato de Lucas é uma ação crítica e questionadora das informações recebidas pelos meios de comunicação comercial. Pois, segundo as palavras de Lucas é que as mídias de comunicação comerciais poderiam expressar “verdades questionáveis” do ponto de vista do receptor, pontos de vistas que os jovens precisam questionar. Para Lucas, ser questionador e crítico é querer saber a versão de fatos sem a lente dos meios de comunicação comerciais, fugindo de possíveis vieses tendencioso que essas corporações da comunicação imprimem em suas notícias.

Para Enzensberger (2003), não existe mídia de comunicação que não seja manipulada e manipuladora, seja ela quem a alimente e, por conseguinte, não existe notícia sem manipulação, para o autor, todo meio de comunicação tentar persuadir o seu receptor por meio de sua mensagem, não existindo a notícia verdadeira e imparcial. Assim podemos dizer que sendo uma manchete de um jornal um recorte da realidade, ela poderá assumir diversas perspectivas, dependendo dos interesses de quem a apresenta. Mas, se toda mídia de comunicação assume tendências e, as imprimem em suas notícias, então o grupo do jornal que Lucas ajudou a construir não esteve imune de comunicar sem um vieses ideológico. Dessa forma o grupo que Lucas fazia

parte, também estaria imprimindo em suas páginas valores e contra valores que davam formato as notícias que construíram, explícita ou implicitamente.

Para Enzensberger (2003), o problema da manipulação das mídias de comunicação não está em ela ser manipulada, mas sim quem a manipula. A que o meio de comunicação está a serviço? É justamente essa questão que Lucas e seu grupo buscavam superar: sair do vício e da influência dos meios de comunicação comercial e por conta própria buscar outros pontos de vistas para desenvolver suas próprias análises, um receptor emancipado. O que não pode ser dito é que o jornal que eles produziam na escola tinha o compromisso com a verdade dos fatos ou com uma notícia sem manipulação. O que Lucas quer dizer é que o jornal estava a serviço dos interesses dos jovens.

A socialização na produção do jornal dos estudantes incorporou uma preparação rigorosa que consistia em leituras e debates: “para escrever, a gente lia bastante sobre os temas das reportagens. Temas diversos. Lia bastante mesmo”. (Entrevista com Márcia Pinheiro, 22 de abril de 2018). “nós fizemos leituras sobre feminismo, violência, preconceitos, racismo. Não só ler, mas também nós debatíamos esses temas. Junto com liberdade de expressão”. (Entrevista com Lucas Ramos, 19 de setembro de 2018).

O que alimentava a ação no jornal era a leitura e reflexão coletiva, o debate. O interesse e a atenção individual dos sujeitos eram potencializados pela ação dialógica coletiva. As narrativas construídas por Lucas e Márcia sobre suas aventuras no jornalismo, nos coloca de frente com algo muito inusitado: jovens de um bairro de periferia que estavam adentrando o Ensino Médio conseguiram se colocar à sociedade como jovens produtores de intelectualidades e formadores de opinião por caminhos dialógicos.

O caso de Ismaely traz um aspecto particular em relação aos demais do grupo da escola: ela teve oportunidade de escrever para um jornal de grande circulação na cidade, O Solimões. Era um jornal local que trazia notícias da cidade e de municípios vizinhos, um empreendimento solitário de um professor de Língua Portuguesa que empolgado pela comunicação registrava por meio de fotografias alguns acontecimentos, escrevia matérias, enviava para a diagramação e impressão em Manaus e vendia o jornal pelas ruas e praças da cidade. O Solimões conquistava leitores, consumidores, publicidade e notoriedade.

Eu sempre gostei, desde criança, dessa área da comunicação, de escrever, das notícias, do jornalzinho. Porque no Ensino Fundamental, nós tivemos um jornalzinho na escola, mas era do grêmio, a gente fazia parte também lá. Fazia algumas coisinhas e, eu achava aquilo interessante. Ai quando eu conheci Raifran, ele perguntou: “quer vender jornal pra mim?” Eu disse: “eu não quero só vender jornal pra ti. Eu quero aprender a escrever jornal”. Eu tinha uns 13 anos, 13 pra 14 anos. Aí o Raifran disse: “ta bom. Vende lá o jornal. Cada jornal que você vender é vinte e cinco centavos que você ganha. Ai você vai fazer algumas reportagens, você vai escrever, e ai eu vou, em troca de você escrever pra mim eu vou te ensinar como é certo”. Eu disse: “ta bom. Ta certo”. Eu me lembro que na época, ano de 2010, eu tinha participado de um desfile de campeonato de futebol e eu tinha ganhado. Tinha ganhado uma câmera fotográfica. Na verdade eu fui desfilar por causa daquela câmera fotográfica. Porque naquele tempo a gente não usava celular. Agora a gente tem celular e câmera em todo canto. Até hoje eu tenho aquela câmera, ai eu ganhei. Aí eu disse: “agora sim. Agora eu vou filmar, vou tirar foto”. Era uma menina magrela [risos de Ismaely]. Ai eu escrevia as matérias para o jornal do Raifran, O Solimões. E ele me mostrava. O interessante que eu não tinha computador e eu pagava Lan House. Primeiro eu escrevia tudo no papel, ai que eu ia pra lá. Fazer digital. Levava um pen drive. Nossa! Eu lembro que para comprar aquele pen drive de 4G, foi uma peleja, tive que vender muito jornal. Ai eu levava lá para o Raifran. Ele me dava os *toques*: “ah tem que fazer assim”. O como escrever?, na verdade eu aprendi escrever na marra⁵. Eu mostrava para professora Elcione. Que foi também uma grande incentivadora. Eu fui botando para frente o projeto de escrever. (Entrevista com Ismaely, 30 de setembro de 2018).

A experiência iniciada em O Solimões caminha para a socialização da produção de intelectualidades na forma apresentada por Benjamin (1994). Ismaely não se sentiu tolhida, mas incentivada, pois os “toques” que ela recebeu, tanto do dono do jornal, quanto de sua professora da escola eram na verdade pequenos ajustes ortográficos no texto, pois a forma como ela abordava os temas foi desenvolvido por ela na ação de escrever. Uma grande oportunidade conquistada por Ismaely e facilitada pelo jornal, ter uma adolescente na transição para o Ensino Médio, de um bairro de periferia e sem experiência no jornalismo produzir matérias para o jornal da cidade, isso é interessante. O que faltava em experiência profissional Ismaely compensava em vontade de aprender. Aprender na “marra”, como ele mesma diz, quer dizer com os próprios esforços, pois a ação da professora Elcione é como incentivadora e de Raifran com alguns “toques”.

⁵Expressão que Ismaely usa para dizer que ela aprendeu a escrever com pouca instrução profissional.

A vontade que Ismaely tinha para aprender a escrever matérias determinou o nível de atenção que ela empenhava nessa ação. O interesse pelo jornalismo era antigo e vontade de fazer a levou para o jornal, pelos próprios interesses.

Essa cena do relato de Ismaely vai ao encontro do conceito de emancipação intelectual que Rancière (2018) construiu, pois o desempenho intelectual é potencializado pela atenção e interesse. Somente a vontade e atenção fizeram com que ela, uma jovem da periferia da cidade se colocasse como produtora de intelectualidade nas páginas do jornal, é claro que não podemos negar a participação de Raifran no sentido de socializar o meio de comunicação que ele controlava. Mas, até que ponto isso não passava apenas de uma relação capitalista? Se por um lado sim, por outro Ismaely buscava usar o jornal em seu favor e de sua comunidade.

“Todo mundo me conhecia pelo que eu escrevia. Escrevi sobre o início da construção das casas do bairro Colônia Ventura, do Programa Minha Casa Minha Vida⁶”. Ismaely tinha consciência de que o povo acompanhava seu trabalho e muita gente lia suas matérias, isso era uma responsabilidade de fazer ecoar os temas de seu bairro, inclusive dentro do grupo que Lucas e Márcia faziam parte: “um dia de domingo. Eu fui falar de filmagem, de fotografia, que eu já tinha uma experiência, sobre a montagem do texto, da estrutura, de como devia ser, eu já tinha um contato com isso. Eles me convidaram”. (Entrevista com Ismaely, 30 de setembro de 2018).

Esse convite que Ismaely se referiu veio da parte dos jovens do jornal Pescadores de Notícias. Eles enxergavam em Ismaely um conhecimento que agregaria valor aos trabalhos desenvolvidos por eles. O fato de se juntarem para preparar suas ações e refletir sobre elas, fazia com que os jovens refinassem suas práticas e as reflexões sobre essas práticas, melhorando o processo de construção e o próprio jornal.

Mesmo que, hipoteticamente, Ismaely tivesse contribuído com a dialogicidade no jornalismo da escola, ela fazia desse princípio uma prática sua no jornal O Solimões? Conforme o relato a seguir se pode perceber que

⁶ O Programa Minha Casa, Minha Vida é um programa de habitação federal do Brasil lançado em março de 2009 pelo Governo Lula.

Ismaely gastou tempo refletindo sobre suas práticas e como isso interagiu com sua comunidade.

Eu me lembro de uma reportagem do Abial⁷. Era a construção da Escola Mayara. Eu entrevistei o seu Português [encarregado da obra]. Ficou bonita a minha reportagem. Uma página inteira, ele [o editor] colocou na primeira página e colocou o meu nome lá no final. Ficou bonito. Só que no começo ele colocou um parágrafo assim, não muito agradável. Ele colocou assim: “no bairro do Abial, um dos bairros mais pobres da cidade de Tefé”. Ah! Tu pense eu andar no Abial e todo mundo já me conhecia pelo que eu escrevia, [...], todo mundo já falava: “foi você quem escreveu, eu vi seu nome. Ai sim. Já era conhecida como a repórter, bem novinha. Quando ele fez isso, ele “quebrou minhas pernas”⁸. Todo mundo no porto de catraia⁹: “pô, tu chamou a gente de pobre, daqui a pouco vai chamar a gente de zagaieiro¹⁰.” E eu disse: “não”. Mas, daqui que eu explicasse que não era eu. Mas, o meu nome estava lá no final. Ai eu desanimei. (Entrevista com Ismaely, 30 de setembro de 2018).

A ausência de diálogo em O Solimões é determinante para o afastamento de Ismaely. A fala de Ismaely destaca certo processo de maturação de sua experiência no jornal, o fortalecimento da identidade de sua escrita e como isso significava para si e para sua comunidade. Os moradores do Abial já sentiam a discriminação de morar naquele lugar e não aceitava que ela também alimentasse os estigmas do povo. O desânimo de Ismaely aconteceu pela interferência em seu texto e como isso foi refletido pelos moradores de seu bairro.

O crescimento intelectual de Ismaely na produção de matérias para o jornal foi melhorando conforme ela ganhava novas experiências. Já havia pouca coisa a se melhorar, as intervenções do editor foram ficando menores. Em sua última reportagem não foi retirado e nem trocado nada. Ela já havia conquistado a primeira página com seus textos. Era uma rotina muito produtiva e gratificante para ela: “por isso que eu *digo*: a rádio, não só a rádio, o jornal O

⁷ Bairro de Tefé, separado do Centro da Cidade pelo Igarapé do Xidaranim. Bairro onde Ismaely morava.

⁸ Expressão usada para dizer que Raifran lhe causou constrangimento perante a comunidade do Abial.

⁹ Local onde encostam as catraias, canoas que fazem transporte de moradores e cargas.

¹⁰ A zagaia é uma espécie de arpão, uma vara com ponta de meta, que os pescadores usam para capturar peixes. Corre na cidade que a zagaia também era usada por moradores do Abial como arma em brigas na comunidade, principalmente para ferir pessoas que não eram da comunidade. Por muito tempo essa expressão “zagaieiro” foi usada para chamar o morador do Abial de violento, mesmo aquele que não a usava zagaia. Essa expressão é uma ofensa aos moradores do Abial. Os moradores do Abial não gostam de ser chamados de zagaiairos.

Solimões também, foi importante em minha vida”. (Entrevista com Ismaely, 30 de Setembro de 2018).

Ismaely coloca sua experiência no jornal em pé de igualdade com sua vivência na rádio, algo que foi muito marcante para ela e falaremos mais adiante. De fato, como falamos antes, Ismaely teve uma chance muito importante, de fazer parte de um jornal que falava sobre a cidade, teve oportunidade de escrever suas matérias e aprender com elas.

A aventura no jornalismo chegou ao fim para Ismaely com aquela notícia sobre a escola Mayara e para Lucas e Márcia com o fim do projeto. Mas, quase que concomitantemente eles iniciaram uma nova experiência no ramo da comunicação, se aproximando de um canal já conhecido por eles enquanto receptores, não como emissores: o rádio. Eles reinventam o rádio em suas vidas. Primeiro veio o programa na rádio Xibé e depois montam a própria rádio no bairro do Abial. Ao levantar a antena de sua rádio, os jovens romperam com a barreira que os limitavam no jornal, pois no jornal a barreira da escrita e da leitura era uma porta aberta para alguns, já que no bairro nem todos são alfabetizados. Já no rádio a barreira da escrita é superada, qualquer analfabeto pode interagir.

2.3. Nas Batidas da Samaúma

Ao se integrarem ao coletivo da Xibé, Ismaely, Lucas e Márcia idealizaram, produziram e apresentaram seu próprio programa. Com o nome sugerido por Márcia e aceito pela equipe, o programa recebeu o nome de “Nas batidas da Samaúma”.

No programa eles passaram a debater a cidade e não somente o bairro onde moravam, como faziam no jornal Pescadores de Notícias. Por uma hora diária durante alguns meses do ano de 2010, os jovens firmaram um debate acerca de diversos temas relacionados ao meio ambiente como, desmatamento, aquecimento global, destino do lixo e asfaltamento da cidade. Mas, aos poucos eles foram introduzindo outros temas como, gravidez na adolescência, alcoolismo, política, saúde pública, participação popular na construção da cidade, entre outros.

É interessante destacar que esses jovens tiveram incentivos para participar da Xibé, mas não tiveram “professores” para ensiná-los o que fazer no programa. Vencendo preconceitos foram capazes de desenvolver meios próprios para produzir seu programa de rádio e gerar debates sobre temas diversos. Muitos dos temas refletidos no programa eles nunca haviam debatido, antes de escolhê-los como temas de seu programa.

O programa Nas Batidas da Samaúma foi transmitido da sala do Diretório Regional dos Estudantes do Centro de Estudos Superiores de Tefé, onde estavam, naquela época, os equipamentos da Xibé.

Foi pelo projeto de extensão na escola, nas oficinas para a produção do jornal Pescadores de Notícias que Ismaely, Lucas e Márcia conheceram o termo comunicação livre e também que nesse conjunto de livre comunicação existia a possibilidade ter muitas coisas livres, como rádio, televisão, jornal e Internet. Foi na oficina no jornal que os eles conheceram pessoas que faziam um tipo de comunicação livre na cidade, a rádio Xibé:

A rádio foi uma oportunidade que a gente teve a partir do jornal que a gente teve. A ideia da rádio foi do professor Feliciano. As ideias que a gente colocou no nosso programa foi a partir do jornalismo. Todo programa tinha um tema específico que a gente falava mais sobre aquilo, pedia opinião das pessoas, dos ouvintes e os ouvinte sempre nos respondiam, era muito legal. Era muito legal mesmo. Foi uma experiência maravilhosa, maravilhosa mesmo. A gente tava querendo aprender. A gente queria novas

experiências. A gente sempre buscou muito isso. (Entrevista com Márcia Pinheiro, 22 de abril de 2018).

O nosso interesse pela comunicação foi crescendo. E a gente descobriu que tinha outros meios de se comunicar. Não só através da escrita, através do jornal. Descobrimos que tinha a rádio, um coletivo em Tefé, que no caso é a Xibé, que desenvolviam um trabalho nesse sentido, de comunicação livre. Então a gente começou a visitar algumas vezes o coletivo da rádio Xibé para vê o trabalho que eles faziam e também escreviam sobre eles mesmos. (Entrevista com Lucas Ramos, 19 de setembro de 2018).

Eu participei de um projeto pesquisa sobre questões indígenas no Instituto Mamirauá e quando eu saí de lá conheci um amigo [professor no Centro de Estudos Superiores de Tefé]. Meu amigo leu o meu projeto do Mamirauá me convidou pra fazer parte do projeto dele. Que era também sobre indígenas nas Barreiras¹¹. Em paralelo com o projeto que eu tinha Barreira, ele foi me mostrando coisas da rádio livre. Foi abrindo minha mente pra isso. Ele foi me mostrando os filmes, alguns livros, falando da experiência dele com a rádio lá em Campinas. (Entrevista com Ismaely, 30 de setembro de 2018).

Cada um dos sujeitos construiu caminhos autônomos e que se converteram em muitos momentos. Primeiro porque eles moravam no mesmo bairro e estudaram na mesma escola, inclusive tendo aulas juntos em algumas vezes quando crianças. Com a chegada da juventude eles constroem caminhos próprios na escola - Lucas e Márcia continuaram estudantes no turno matutino e Ismaely foi estudar à noite, ainda na mesma escola: “minha vida era muito diferente da rotina dos meninos do jornal. Eu tinha que trabalhar para ajudar em casa. Eles continuaram estudando de manhã e eu fui estudar à noite”. (Entrevista com Ismaely, 30 de setembro de 2018). Embora Ismaely se afastasse do convívio de seus amigos pela rotina de trabalho diurno e estudo noturno, suas vidas se cruzaram novamente com no projeto da escola e, mais tarde na rádio Xibé.

Lucas e Márcia chegaram à Xibé por meio do projeto da escola, pelo contato com Feliciano. Como podemos perceber nesse relato, os estudantes do projeto quiseram fazer parte da programação da Xibé, eles procuraram saber como funcionava a organização e conhecer as instalações, movidos em parte pela curiosidade e também para vontade de aprender mais sobre comunicação, pois segundo Lucas em seu relato anterior, o interesse pela comunicação estava crescendo.

¹¹ Terras indígenas.

A rádio Xibé foi também, chamada por eles em suas narrativas, como rádio livre ou rádio da UEA¹². Ela entrou no ar segundo Figueiredo (2015), no ano de 2006, resultado de uma articulação de diversas pessoas e Centro de Mídia Independente de Tefé, ao qual a rádio Xibé estava ligada.

Com o passar do tempo um projeto de pesquisa e extensão do Centro de Estudos Superiores de Tefé intitulado Laboratório de Comunicação Livre apoiou suas atividades da Xibé. No ano de 2009 a Universidade do Estado do Amazonas recebeu o segundo lugar do Prêmio da Financiadora de Estudos e Projetos na Região Norte do Brasil na categoria de Tecnologia Social por esse projeto de pesquisa e extensão. É preciso entender o que está por trás desse prêmio: um reconhecimento significativo para um projeto universitário que apoiava a socialização de meios de comunicação no interior do estado do Amazonas. Fica muito evidente a importância desse prêmio para a universidade e para a sociedade como um todo.

Para Sousa (2018) uma rádio livre busca garantir a liberdade de expressão facilitando o acesso ao microfone do maior número de pessoas possível, não pretendendo reproduzir o modelo profissional. Segundo Santoro (1981), uma rádio livre é pode ser organizada por uma pessoa ou movimento que se sinta marginalizado do processo de consolidação do uso das ondas.

O termo rádio livre surgiu em maio de 1968 na Europa, quando se criou a consciência da importância dos meios de comunicação na criação e fortalecimento de ideologias. Nesse período termos como *“Attention, la radio ment ou Fermez la télé, ouvrez les yeux¹³”* aparecem nos muros franceses chamando atenção das pessoas para o que se falava nas e emissoras de televisão estatais. Essa ação buscava questionar a construção das informações que chagavam até as pessoas.

Para os jovens, a Xibé foi um canal de livre expressão, um movimento independente e catalisador de suas histórias. Lucas e Márcia se aproximaram da Xibé no final do ano de 2009, mesmo ano em que surgiu o grupo Pescadores de Notícias. A vontade da turma era muito grande em descobrir e experimentar diversas formas de comunicação, eles já tinham iniciado o jornal

¹²Em Tefé Existe o Centro de Estudos Superiores de Tefé, uma das unidades da Universidade do Estado do Amazonas. A Esse centro universitário geralmente se chama de CEST ou simplesmente UEA.

¹³ *Atenção, o rádio está mentindo ou feche a TV, abra os olhos.*

e estavam partindo para o rádio com muita expectativa: “eu disse para o pessoal que a rádio ia nos ajudar muito no projeto. Era uma oportunidade de crescer”. (Entrevista com Márcia, 22 de abril de 2018).

Já Ismaely se aproximou da Xibé por meio de seu orientador de pesquisa, o qual era docente do Centro de Estudos Superiores de Tefé, isso aconteceu no ano de 2008. O orientador de Ismaely coordenava o projeto de pesquisa e extensão que apoiava a Xibé, da qual ele também era militante, mas o projeto de pesquisa que ela desenvolveu sob sua orientação não foi sobre a rádio, “o projeto a ela proposto envolvia a ida frequente à terra indígena da Barreira da Missão e a elaboração de uma reflexão sobre a realidade indígena a ser feito junto com adolescentes [...]” Embora chegando à Xibé por caminhos diferentes, Ismaely, Lucas e Márcia se aproximaram e criam o programa Nas batidas da Samaúma. (FIGUEIREDO, 2015, p. 140).

Na Xibé era a Ismaely, Lucas e eu. O rapaz ensinou a gente. Ele ensinou pra gente como fazia. Tinha um programa de computador que a gente selecionava os áudios e a play liste que iria tocar na sequência. Ele ensinou pra gente como funcionava, os botões e tudo. E deixava a gente livre lá. A gente aprendeu rápido. Eu disse: Lucas, vamos fingir que a gente está conversando só entre nós dois. Vamos tentar *ser* o mais espontâneos possível. Como se a gente tivesse conversando aqui. Como se a gente tivesse conversando num grupo. Vamos pensar que nós estamos em um grupo de nossos amigos. Estamos conversando entre nós e as pessoas que vão falar com a gente são só algumas pessoas que aparecem rapidinho no nosso grupo e conversavam com a gente. A gente tentou focar assim. Para não ficar nervoso, nem tímido e assim nós fazíamos. Era como se eu tivesse conversando com ele e o pessoal que ligava tava dando só uma opinião sobre o que a gente tava conversando. E aí fluiu, fluiu disso: a gente pensar que éramos só uma conversa entre amigos. A gente perdeu o nervosismo, inclusive aí. E a gente se tornou mais espontâneo, através do programa que a gente fez. A gente foi perdendo o medo de conversar com a professora, nas apresentações, ajudou bastante mesmo. Eu diria até, que foi o que mais nos ajudou no projeto todo. Igual o jornal. (Entrevista com Márcia Pinheiro, 22 de abril de 2018).

Tinha sempre gente falando, e era uma galera bem descolada. Falavam umas coisas bem boas. Mas, eu não lembro muito bem, mas era algo nesse sentido de liberdade: chegar lá e falar e convocar a galera para acordar, para questionar as coisas, nesse sentido assim. Inclusive para questionar as coisas que aconteciam no próprio Centro Universitário. Então, acho que o movimento estudantil era muito presente. (Entrevista com Lucas Ramos, 19 de setembro de 2018).

Mesmo tendo Ismaely, Lucas e Márcia conhecido a Xibé por meio de professores orientadores de seus projetos e de certa forma esses professores eram apoiadores da Xibé, não apareceu em seus relatos nenhuma espécie de interferência desses intelectuais no como fazer a rádio, pelo contrário, na Xibé os jovens encontraram um movimento grande de jovens. Era um espaço onde tinha muita gente falando, como Brecht (2003) reivindicou para o rádio. Para o autor, o rádio deveria ser um espaço de encontro e socialização, um meio de interação entre as pessoas. As instalações da rádio estavam a serviço das pessoas, disponível aos movimentos organizados e também àqueles que se organizavam por meio da rádio.

O projeto que criou o jornal na escola foi o grande influenciador dessa nova etapa, como disse Márcia em seu relato: “as ideias que a gente colocou no nosso programa foi a partir do jornalismo”. (Entrevista com Márcia, Abril de 2018). A experiência do jornalismo que produziu na escola foi decisiva para determinar o tipo de programa que Márcia ajudou a colocar no ar pela Xibé, muito influenciado por aquilo que ela leu, escutou e debateu no projeto da escola.

Era fácil ter acesso ao estúdio da Xibé, tudo muito livre e existiam sempre pessoas responsáveis para garantir isso, alguém estava atento para ensinar a usar os equipamentos, coisa simples e de fácil compreensão. Lucas e Márcia aprenderam a usar os equipamentos da Xibé na primeira vez que visitaram o estúdio. Aprender a fazer o programa não teve ninguém para lhes ensinar. Márcia tomou a iniciativa e criou uma estratégia interessante, uma pista que lembrava as rodas de conversa do grupo na escola, um bate papo entre amigos. Essa informalidade que Ismaely, Lucas e Márcia trouxeram do jornal Pescadores de Notícias entrou em cheio na produção do seu programa de rádio.

A escolha do nome do programa remete a algumas histórias contadas na região: “nós sabíamos de umas histórias que nossos avôs contavam. Que os índios batiam nos troncos das Samaúmas para comunicar algo, geralmente um pedido de socorro”. (Entrevista com Márcia Pinheiro, 22 de abril de 2018).

Foi com essa motivação que Márcia sugeriu o nome do programa. Dizem que as batidas em Samaúmas orientam os perdidos na mata, poderia ser um pedido de socorro, um grito de alegria. A Valorização dos costumes e

das histórias dos ancestrais marca o cartão de visita do programa: o nome do programa. A mensagem que os jovens emitem é uma mensagem de alerta sobre a cidade e sobre a vida.

Todo programa tinha um tema específico que a gente falava mais sobre aquilo, pedia opinião das pessoas, dos ouvintes e os ouvinte sempre nos respondiam, era muito legal. A gente sempre tinha uma opinião formada sobre a cidade. Eu tinha uma opinião sobre uma coisa, o Lucas tinha outra, a Ismaely também tinha a dela. A gente tinha a plena certeza que cada um tinha a sua opinião, cada ouvinte tinha o seu ponto de vista relacionado a alguma coisa. E no debate a gente iria encontrar o caminho para uma vida melhor. A gente sempre tinha que procurar nossos direitos. Que a gente tinha que procura o melhor pra cidade. Se a gente fosse pensar só em nós, só em nosso mundo, a gente iria se prender. E não. A gente tinha que pensar num todo. Pensar na cidade toda. Nós queríamos formar uma comunidade de ouvintes que nem nós. Eram pessoas que nem a gente era. A gente pensava muito nisso: “vamos melhorar o mundo, vamos ajudar as pessoas a pensarem assim que nem a gente pensa: de pedir, de buscar seus direitos, de buscar as coisas que a gente acha que é bom para todo mundo”. Nós sonhávamos em melhorar a cidade em todos os pontos: educação, segurança, principalmente o meio ambiente, a gente focava muito no meio ambiente. Até porque, nosso projeto era muito sobre isso e a gente já tinha pesquisado bastante. E tava muito precária a situação nesse tempo aí. Os ouvintes ligavam e falavam ao vivo. Eles davam sua opinião, elogios, sugestões. Nós sempre estávamos abertos a isso. Era bem legal. Foi a partir de alguns ouvintes que a gente teve mais temas para abordar ou mais ideias que a gente poderia colocar no programa. (Entrevista com Márcia Pinheiro, 22 de abril de 2018).

No rádio os jovens encontraram uma nova maneira de comunicação, a forma oral, com todos os sotaques, gírias e peculiaridade do diálogo informal. Se no jornal os professores corrigiam o que eles produziam, na rádio era ao vivo e sem cortes, ninguém iria interrompê-los e dizer como eles deveriam falar. Tudo era espontâneo, embora eles se preparassem. O diálogo que tinham no jornal era gravado em entrevista e ajustado para ser impresso. Já na rádio a participação era livre assim como aqueles que estavam no estúdio. Eles não tinham controle sobre o que o ouvinte iria falar, se ele concordava ou não com as ideias deles. O importante era o debate das ideias que muitas vezes eram trazidas pelos próprios ouvintes.

Segundo Freire (2016), a palavra verdadeira, a dialogicidade é capaz transformar as relações entres os homens, entre os homens e o mundo. Sonhar em mudar o mundo é sonhar em mudar as relações que nele se

estabelecem. Se para o autor sem o encontro face a face não há dialogicidade, por outro lado o encontro que os jovens estabelecem é mediado por mídia eletrônica. A ação dos jovens é construir encontro pelo rádio, e nesse encontro refletir sobre suas ações, temas por programas, programas que promovam diálogos capazes de mudar suas ações e também mudar o mundo e as relações nele estabelecidas. Para Freire (2005, p. 135) “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

Se todo diálogo *pode* carregar em si uma práxis, então aqueles que dialogam sobre suas realidades, independente de qual for o canal, podem transformar aquilo que está ao seu redor. O diálogo exige então o contato, o encontro, a proximidade, o companheirismo e parceria. Mas, para os sujeitos dessa pesquisa, não havia contato físico com a comunidade de ouvinte que eles criaram e, tudo acontecia pelo rádio, ou presencial no estúdio. Entre os muitos encontros que foram estabelecidos e pertencem aos relatos dos sujeitos dessa pesquisa, Ismaely destaca um em especial: o encontro de Vila Nova.

Esse encontro, conforme Figueiredo (2015, p. 362), aconteceu no ano de 2009 e, para Ismaely esse encontro foi decisivo para sua ação no coletivo da rádio. Isso aconteceu alguns meses antes da entrada de Lucas e Márcia na rádio na Xibé. O encontro de Vila Nova é muito importante em suas lembranças, pois passados quase dez anos desse encontro, Ismaely ainda destaca esse evento como um dos mais significativos para sua vida, tanto que ela já havia relatado esse fato a Figueiredo (2015, p. 145) em entrevista concedida no dia 5 de agosto do ano de 2013 e, novamente agora para essa pesquisa. Se a construção do jornal na escola é a referência para Lucas e Márcia no programa da Xibé, no sentido de estruturação do programa, desse mesmo modo, o encontro de Vila Nova pode ser uma referência para Ismaely.

Eu também participei de algumas idas para algumas comunidades. A mais marcante de todas foi quando nós fomos pra uma comunidade do Amanã, a Vila Nova. Nessa comunidade a gente mostrou como que a rádio funcionava. E eu fui uma das apresentadoras também. Eu me senti muito valorizada. Eu não tava ganhando nada para tá ali, mas só o fato de: “poxa! eles me chamaram [coletivo da rádio], eles acham que, o que eu penso é importante”. E nós mostrávamos o que era o transmissor, como que funcionava a antena, o mix, o microfone, o computador. Aquilo

lá parecia tão estranho pra eles [comunidade], mas de repente, nós iniciávamos. Ai se sentava do nosso lado o que era mais descontraído, para a gente mostrar como é que funcionava, e aos poucos, os pequeninhos iam chegando, e depois os mais velhos, e quando a gente se dava por conta, a gente tava lá no canto olhando eles fazerem a rádio. Daqui a pouco eles já tinham criado o roteiro deles, já estavam entrevistando o pessoal deles. Eu me recordo de uns garotinhos saírem num rabeta¹⁴, lá pra comunidade vizinha pra avisar pro pessoal de lá sintonizar a nossa rádio, que tava funcionando. Isso foi fantástico pra nós. Eu acho que foi nessa viagem que eu enxerguei a rádio livre de verdade. Eu já tinha visto ela na universidade, eu já tinha participado, já tínhamos levado para bairros junto com o pessoal. Mas, eu só fui perceber isso mesmo, a rádio, lá no Amanã. (Entrevista com Ismaely, 30 de setembro de 2018).

O encontro com a comunidade foi cheio sentimento de valorização pessoal para Ismaely, pois ela se sentiu reconhecida. Estar junto com o grupo e ter uma participação no encontro trouxe à Ismaely uma grande satisfação, um grande entusiasmo. O encontro de Vila Nova motivou outro: o encontro de Ismaely consigo mesma. Pois, ao ser convocada para contribuir como oficinaira de Vila Nova Ismaely se percebeu como sujeito de potencialidades, como sujeito de possibilidades.

Mas, ela já havia sido chamada para outros encontros. Por que esse foi tão marcante? Pode ser que pelo de fato de ter acontecido na zona rural, ambiente muito familiar para ela, pois é de família de agricultores, acostumada a passar dias na roça fazendo farinha e cultivando a terra. Ela se encontra entre semelhantes, diferentemente do que ela encontrou nas escolas e nos bairros que visitou com a Xibé. Estar em Vila Nova fez Ismaely se reencontrar com sua infância, com o modo de vida do povo ribeirinho.

Quando Ismaely viu que a rádio também era coisa de gente da roça, de comunidades ribeirinhas, então ela encontrou o sentido para a própria rádio que fazia. De fato, era uma rádio que servia para a comunidade comunicar coisas do seu interesse: marcar reuniões, convocar à participação e contar suas histórias em uma programação feita por eles próprios.

Para Brecht (2003) o rádio deve estar a serviço do povo, nas mãos das pessoas para que elas possam falar suas coisas. Para ele a fala deveria ser democratizada e nunca monopólio. Embora havendo um só transmissor, um só

14

Meio de transporte. Canoa com motor a gasolina.

microfone, o estúdio improvisado estava cheio de falantes, livre, disponível a todos os que dele quisesse fazer uso.

O encontro iniciou com as luzes apontadas para a equipe da rádio, breve momento de apresentação do material e montagem dos equipamentos. É importante tocar no material, olhar de perto, conhecer. Depois disso, o monólogo do início do encontro logo foi quebrado com os próprios moradores do lugar, os mais descontraídos. Aos poucos a comunidade que passou a vida sendo ouvinte foi envolvida e convoca, à *rabeta*¹⁵, para se tornar também emissora.

Os protagonistas do encontro assumiram seu lugar e a equipe da rádio apenas observou a articulação dos comunitários improvisando vários roteiros. A nova tecnologia chamou a atenção rapidamente dos mais jovens, das crianças, movidos pela curiosidade e aos poucos os mais velhos se aproximaram também. De fato, o equipamento e o fazer rádio era novidade para comunidade. Será por que as crianças foram as primeiras a serem atraídas? As crianças foram mais curiosas e não tinha medo de tocar no equipamento. Tudo era muito simples no encontro, era necessário apenas falar e, todos tinham algo para falar.

Para Rancière (2018) a criança é um maior exemplo de emancipação intelectual. Ela apresenta os elementos necessários para que o conhecimento possa acontecer e as habilidades possam ser construídas: a vontade e a atenção. Uma criança é capaz, por exemplo, aprender a língua materna por puro interesse, para que ela possa se integrar ao mundo dos falantes. Nesse processo não existem aulas explicativas, é muito dinâmico e complexo, para não dizer confuso para ela. Sem explicações, a criança apenas escuta as pessoas falando para ela ou com ela, com variadas entonações de voz. Exigindo muito da vontade do sujeito, o que vai determinar a intensidade da atenção que ele vai empenhar em cada coisa que deseja aprender, não somente a língua materna. A criança vive um estado de atenção constante, aprendendo em cada segundo, atenta a tudo ao seu redor e sempre perguntado o porquê das coisas. Para o autor, conforme o indivíduo vai crescendo, a aprendizagem dele vai sendo direcionada e a atenção limitada.

¹⁵ Canoas com motor, um meio de transporte rápido pelos rios.

Com a rádio Ismaely, Lucas e Márcia se aproximaram dos analfabetos, dos artistas, do povo simples de comunidades ribeirinhas, ultrapassando os limites geográficos de sua comunidade.

2.4. A Voz da Ilha

O Coletivo Voz da Ilha. Assim foi autodenominado o grupo de jovens e adolescentes que Ismaely, Lucas e Márcia ajudaram a nuclear no bairro do Abial, onde moravam. Isso aconteceu motivados pela experiência que tiveram no jornal Pescadores de Notícias e pela participação na rádio da Xibé. Inicialmente o coletivo produzia uma espécie de imprensa independente chamada de Informativo Voz da Ilha, para a produção desse informativo o grupo contou com a ajuda de alguns membros da rádio Xibé. Com o tempo, por meio de membros da Xibé, os jovens do Voz da Ilha receberam ajuda de outras entidades como, o Descentro e rádio Amnésia, o grupo a rádio Voz da Ilha. então, além do informativo Voz da Ilha, o grupo manteve funcionando uma rádio de mesmo nome. A rádio Voz da Ilha foi instalada na Escola Estadual Getúlio Vargas, com a antena na caixa d'água, como mostra a imagem 1 a baixo:



Imagem 1: Instalação da antena da rádio Voz da Ilha na Escola.
Fonte: Fonseca (2015, p. 25).

Do projeto de pesquisa e extensão, resultado da parceria entre universidade e escola foi criado o jornal Pescadores de Notícias. O que

possibilitou que Lucas e Márcia chegassem à rádio Xibé, mas Ismaely ingressou primeiro por meio do projeto de pesquisa que desenvolveu com seu amigo que também era docente da universidade e militante da Xibé. Na Xibé os três tiveram caminhos diferentes, mas que se cruzaram na construção do programa Nas batidas da Samaúma. Com o fim do projeto de pesquisa na escola, Lucas e Márcia deixaram de frequentar a Xibé por vários motivos, incluindo as ocupações com a formação de um novo grupo no bairro.

Foi observando e vivendo a Xibé que Lucas deu a ideia de também eles formarem um grupo no bairro, que chamaram de Voz da Ilha. O termo “ilha” é uma referência ao bairro onde moravam, porque na época da cheia dos rios da região fica rodeado por água. Chamar o bairro do Abial de “ilha” é muito comum na cidade por esse motivo.

O Coletivo Voz da Ilha é o resultado de tudo o que vivemos. Do projeto “Pescadores de notícias”, do programa “Nas batidas da Samaúma” na Xibé. O coletivo Voz da Ilha foi um grupo autônomo da escola, autônomo. Não existiam professores conosco. A professora Maria de Fátima foi embora e o professor Feliciano, ele teve outros projetos. Ele tava fazendo outras coisas e já não tinha tempo. Eu lembro que nós tínhamos um grupo que jogava Role Playing Game, o RPG¹⁶. Foi esse grupo que criou o Voz da Ilha. A gente se reunia para jogar RPG, até que teve a ideia de criar o grupo. Mas, eu já tinha convidado eles para participar da oficina de montagem [de mini transmissores de rádio] e eles foram. A gente criou na casa do Gleyson. Cada um ia dando uma ideia de nome e nós escolhemos Voz da Ilha. Voz da Ilha é o grito das pessoas do Abial. Porque desde cedo nós fomos de um bairro que as pessoas tiveram muito preconceito. Acho que até hoje ainda tem. Quando eu falo: “ah! eu sou do Abial” e alguém diz: “lá só tem galeroso, gays, lá tem muito homossexual”. Falam muito disso. Antes era bem pior, falavam muito mesmo. As pessoas não queriam ir lá. Não iam lá por medo ou por preconceito mesmo. E a gente achava isso muito chato. Até a questão das políticas públicas, era como se as coisas não chegassem para o Abial. Como se fosse um bairro abandonado. Até a existência do nosso grupo não tinha coleta de lixo, iniciou naquele ano [2010]. A gente achou uma forma de reclamar dos problemas que estavam acontecendo no bairro. Por isso que o nome é Voz da Ilha. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

O coletivo Voz da Ilha é um grupo que surgiu influenciado por muitas vertentes: jovens que jogava RPG, estudantes da Escola Getúlio Vargas, alguns já tinham participado do projeto de pesquisa e extensão que usou o jornalismo como forma de comunicação, outros participaram da rádio Xibé na

16

Um estilo de jogo em que as pessoas interpretam seus personagens, criando narrativas, histórias e um enredo guiado por uma delas, que geralmente leva o nome de mestre do jogo.

universidade. Esse nasceu dessa diversidade complexa, um emaranhado de experiências tecido por muitas mãos. Esses jovens tinham um relacionamento de amizade. Eles já se conheciam, pois eram vizinhos, colegas de turma. Alguns deles cresceram juntos no mesmo bairro.

Algo despertou neles o interesse de acrescentar a esse grupo uma ação política questionadora de sua própria realidade a partir da consciência sobre sua existência e, que conduz a uma ação de transformação desta. Como Márcia deixa transparecer em seu relato, ela tinha essa percepção de que o lugar onde morava era visto com certo desprezo, desconfiança por muitas pessoas da cidade. Isso incomodava o grupo.

A escolha do nome do grupo foi um caso bem particular no início do grupo e que marcou sua ação no bairro. A chuva de ideias com os possíveis nomes para o grupo mostra que aconteceu uma reflexão sobre o tipo de ação que o grupo iria desenvolver. Não foi uma escolha simples, não foi uma opção imparcial, foi uma escolha refletida a partir do contexto de preconceito e discriminação sentida pelo próprio grupo.

Essa reflexão cresceu na própria ação do grupo realizada no projeto da escola, no jornal e na Xibé. A ação e reflexão nos grupos anteriores alimentou novas reflexões sobre as condições do bairro, a falta de política pública que impactava diretamente na qualidade de vida das pessoas. O grupo se encontrava para refletir sobre o que já tinham feito e para definir novas ações. Eles decidiram manter a confecção de um jornal bimestral, chamado de A Voz da Ilha, com sua primeira impressão no mês de setembro de 2009 com aproximadamente 500 cópias distribuídas gratuitamente entre os moradores, além de também ser publicado no site <www.vozdailha.radiolivre.org>, posteriormente, com a ajuda de militantes da Xibé, o grupo colocou no ar a rádio Voz da Ilha (FONSECA, 2015).

Temos a seguir a imagem do terceiro informativo produzido pelo coletivo Voz da Ilha em janeiro do ano de 2010. Ele traz temas como liberdade de expressão e a falta de água potável no bairro.

CONTEÚDO ALTERNATIVO #3

*Totalmente Autônomo.
Sem fins lucrativos.
Verdade como objetivo*

Informativo do Bairro do Abial 2010

Voz da Ilha

www.vozdailha.radiolivre.org

TODO CIDADÃO TEM DIREITO A LIBERDADE DE EXPRESSÃO, POR QUAISQUER MEIOS DE COMUNICAÇÃO!

Nossa Juventude do Bairro do Abial

Esta matéria tem como intuito mostrar o preconceito em relação aos jovens do bairro do Abial na cidade de Tefé-AM. Procurou-se colher relatos de jovens que participam desse grupo que é denominado pela população teféense como "galera". O que se percebe é que esses jovens são vítimas de preconceito, pois são denominados "galerosos", esta matéria é tida como uma ferramenta importante para o combate à exclusão social e à discriminação desses jovens, e também como contribuição para a conquista da liberdade de existência dos vários tipos de grupos sociais que hoje em dia são excluídos da sociedade, sendo vítimas de preconceitos tais como (Góticos, Punks, Emo's, Anarcopunks, Feministas entre outros).

Esta matéria PERMITIRÁ entender o universo desse grupo de jovens, pois terão oportunidade para expor suas opiniões e ideologias de vida. Esses Jovens não se consideram "Galerosos" como que a sociedade diz, eles querem ser aceitos pela sociedade como são, e não querem que as pessoas tenham medo de passar por eles simplesmente pelo fato de se vestir diferente, terem tatuagem ou pela suas formas de diversão que eles tem. A sociedade discrimina esses jovens por sua vestimenta, maneira de se expressar seus hábitos e costumes, para a sociedade um jovem de bem, tatuado, com brico, cabelos longos e bermuda folgada e galeroso, só que essa mesma sociedade que discrimina não faz nada para que esses jovens saiam desses maus hábitos. Discriminar não é e nunca será a solução.

Para esses jovens a sociedade deveria investir mais em esporte cultura e lazer, além de melhorias no setor da educação com professores capacitados na sua próprias disciplinas não um de português dando aula de física.

Depoimento de Z.D.D.: Certa vez estava voltando do centro de Tefé em mais dois colegas meus, e estavam vindo um grupo de pessoas na mesma direção que a nossa, mas quando nos viram comentaram baixo "vamos atravessar pro outro lado por que esses aí são galerosos do Abial, vamos andar rápido antes que algo aconteça". Nós nos sentimos muito mal por causa disso, as pessoas nos taxam sem ao menos nos conhecerem ou conversarem conosco ou melhor sem conhecer minha família pô meus pais são crentes, nos julgaram só por causa de nossas vestimentas e da maneira como nos conversávamos fala serio meu.

Discriminação nós encontramos em todos os lugares, onde quer que você vá você vai encontrar racismo, discriminação ou qualquer outra forma de repressão, não devemos julgar ninguém pela aparência, pelo seu passado ou muito menos pelos que os outros dizem. Essas pessoas que falam mau dos jovens de

nosso bairro, deveriam olhar pra suas próprias vidas pois esses jovens que são taxados como galerosos, não comem as custas deles ou muito menos vestem ou bebem com o dinheiro desses criticos que só sabem julgar e condenar as pessoas e muitas das vezes seu passado. Deixo aqui um conselho antes de falar mau de qualquer pessoa, olhe para você mesmo pelo menos 3 vezes e veja se você é verdadeiro com você mesmo e com a sociedade, não julgue ninguém pela sua aparência hábitos, passado, cor, religião, opção sexual ou estigma social, você não é DEUS ou muito menos um Juiz de Direito.

Lembre-se somos aparados pela constituição federal no seguinte Artigo: Artigo 5º "IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. Artigo 13 Pacto de São José da Costa Rica "1. Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito inclui a liberdade de procurar, receber e difundir informação e ideias de qualquer natureza, sem considerações de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer meio de sua escolha." E outro Artigo 13 do Pacto de São José da Costa Rica: "3. Não se pode restringir o direito de expressão por vias e meios indiretos, tais como abuso de controles oficiais ou particulares de papel de imprensa, de frequências radioelétricas ou de equipamentos e aparelhos usados na difusão de informação, nem por quaisquer outros meios destinados a obstar a comunicação e a circulação de ideias e opiniões." nos queremos simplesmente ter o direito de falar, mostrar nossa opinião, e denunciar os problemas de nosso bairro.

Gleison Martins

Falta de água no bairro deixa moradores sem respostas

O bairro do Abial vem sofrendo bastante a respeito da falta de água e de energia elétrica.

Na terceira semana do mês de novembro, os moradores ficaram sem água, o que todos revoltados, segundo alguns moradores, o incidente deve-se a falta de informação sobre a localização dos tubos de água, pela parte de trabalhadores que estão trocando os postes elétricos, durante a escavação para o enterro dos postes, os trabalhadores acertaram os tubos que abastecem as casas. Outra historia é de que a bomba do bairro estava com problemas técnicos. Essas são apenas conversas dos moradores, já que a empresa que fornece água para o bairro, não declarou para os moradores o real acontecimento responsável pela falta de água.

A escrita demarca posições que nos leva a uma reflexão, intervenção de aceitá-las ou de rebatê-las em um possível confronto de idéias, abrindo a discussão e trazendo à luz possíveis equívocos que tínhamos como verdades intocáveis.

Utilize esta ferramenta de comunicação popular de nossa cidade. Publique Mandos e textos para: vozdailha@lists.rioune.net

Figura 2: Impresso Voz da Ilha, 3ª edição.
Fonte: Fonseca (2015).

Conforme Fonseca (2015, p.22), ainda no ano de 2009 os jovens tiveram conhecimento por meio de Sergio, militante da rádio Xibé, de um edital lançando no endereço pelo coletivo Descentro <www.descentro.org> que iria financiar projetos ligados à comunicação, “selecionados de acordo com seu propósito comunitário e características de intervenção na sua realidade local. O coletivo se organizou pelas suas reuniões e com muito esforço se inscreveu”. Acredita que por influência de Sérgio e outros membros da Xibé, os jovens do Voz da Ilha passaram a se chamar de coletivo: “o coletivo da rádio” ou “o coletivo da rádio Voz da Ilha”.

Foi um pessoal de fora que doou o nosso transmissor. No início ficamos na escola, mas depois começaram a reclamar. Foi quando a gente transferiu lá para a casa do meu padrinho Gleison. A gente se reunia lá. Todo final de tarde a galera se reunia lá. Jogava RPG e depois a gente fazia o programa. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

A rádio Voz da Ilha entrou no ar segundo Fonseca (2015) no dia 26 de julho do ano de 2010, sem concessão do Estado e na frequência sintonizada em 100,5 FM. Como Márcia e seus amigos mantinham seu grupo sem fins lucrativos, viviam da doação voluntária dos próprios membros e de pessoas que simpatizavam com as ações desenvolvidas pelo grupo.

Depois de passar um tempo transmitindo suas mensagens pela rádio a partir da escola onde estudava, o grupo passou a incomodar alguém. No relato de Márcia há certa revolta nesse sentido. Com a reclamação na escola o grupo saiu e foi para um ambiente totalmente conhecido e gerido por familiares: “a gente transferiu lá para a casa do meu padrinho Gleisson”. Essa expressão de Márcia mostra bem que ela tinha certa abertura, uma relação de parentesco muito forte e que a rádio estava em casa, ou melhor, a casa se transformava toda tarde na rádio Voz da Ilha. Pelo sorriso de Márcia quando falava sobre isso, mostra que a saída da rádio das dependências da escola não foi um mau negócio. O grupo manteve as reuniões, momentos de interação e a programação como de costume.

O informativo impresso da Voz da Ilha era canal de comunicação dispendioso, levava um tempo razoável e quase dois meses para chegar às casas. Por outro lado, com a rádio tudo ficava dinâmico, ao vivo, a mensagem chegava instantaneamente a todos os moradores, quase sem custo financeiro

para o coletivo, pois os equipamentos da rádio ficavam na escola, inicialmente: “a antena ficava na caixa d’água da escola e o restante do material ficou no laboratório de química” e posteriormente na casa do padrinho de Márcia, como vimos anteriormente. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

Usar a escola para as atividades do coletivo é muito significativo, uma vez que a rádio era um espaço de livre acesso, a escola também precisava ser, inclusive nos finais de semana, dias em que as escolas da cidade se isolam da comunidade, limitando-se em alguns casos às atividades recreativas nas quadras poliesportivas. Já a escola Getúlio Vargas mantinha em sua estrutura uma rádio livre para a comunidade também aos finais de semana. A rádio nunca foi um projeto da escola enquanto instituição, mas sim uma ação dos próprios estudantes em parceria com a comunidade. Talvez essa possa ser uma das reclamações em relação à rádio na escola: havia um fluxo constante de pessoas na escola durante o final de semana e a “escola” não tinha controle dessa ação, não tinha guarita, não tinha controle rígido de quem entrava na escola.

Quando a gente começou a ter a nossa rádio na escola foi diferente da nossa experiência na Xibé. Pois lá na universidade tinha guarita e um agente de segurança que em certo ponto dificultava nossa entrada fazendo várias perguntas, tipo: “o que vocês vão fazer? Que horas vão sair? Não vão atrapalhar os alunos”. Era uma coisa que constrangia a gente. Mas, na Voz da Ilha foi diferente. Não foi nem intencionalmente que a gente começou a abrir o negócio [a rádio]. Até porque o negócio era sempre aberto. Na escola teve mais acesso. A gente sempre chamava os coleguinhas da turma e dizia: “hoje vai ter encontro da rádio às 16h aqui na escola, todo mundo pode vim”. A gente convidava. Convidada o pessoal da comunidade também. Eu lembro que a antena da rádio ficou na caixa d’água da escola e os outros equipamentos ficaram no laboratório de química. (Entrevista com Lucas Ramos, 19 de setembro de 2018).

O mesmo empenho pela socialização do uso da rádio que o grupo da escola experimentou, dessa vez eles queriam promover. Era como um compromisso de democratizar o microfone da rádio que surgiu muito influenciado pela experiência na Xibé. Mas, o coletivo Voz da Ilha é como se fosse uma mistura do projeto da escola com a Xibé. Pois, além do jornal impresso, o coletivo disponibilizava a rádio para a comunidade.

Mesmo não sendo bem assimilada pela escola, a Voz da Ilha trouxe para ela mais uma função social no bairro para além das aulas tradicionais e do esporte. Recriou novas relações entre comunidade e escola, transformando o

laboratório de química em um laboratório de comunicação, um espaço de diálogo, debates e construção de ideias. A rádio fazia com que as pessoas se aproximassem uma das outras, e estreitava os laços de solidariedade, de “vizinhança”, como afirma Figueiredo (2015, p. 311).

O termo “vizinho” é muito usado entre os moradores da cidade para destacar uma proximidade. Em Tefé ser vizinho é muito mais do que morar próximo, é sinônimo de relação amistosa. O vizinho é um amigo que mora perto. É aquele próximo com quem se estabelece uma relação de parentesco. Muito característico da vizinhança entre os empobrecidos é a partilha de alimentos, momentos de tristezas e alegrias.

De modo especial, os jovens do coletivo Voz da Ilha partilhavam também o ardor de transformação de si próprios e sua realidade através da socialização da palavra. Pela relação de vizinhança que o grupo se construiu sem hierarquia, sem coordenador, sem burocracia, valorizando a participação de todos aqueles que quisessem se integrar no coletivo.

Outros aspectos levantados por Figueiredo (2015) sobre o coletivo que estava se formando são bem significativos e se revelam bem coerentes com os relatos dos sujeitos dessa pesquisa. Era um coletivo livre, sem tutela, descontraída e informal, não havia burocracia entre eles, tudo era muito espontâneo. Era um coletivo ativo na comunidade gerando debates sobre os temas de interesse da própria comunidade, amplificando a voz do povo do Abial, catalisando as autonomias em busca da libertação dos sujeitos pela socialização da ciência, pelo debate de temas diversos, pela construção e partilha de conhecimentos. Foi um coletivo que não se fechou em si, mas que se abriu à comunidade e para além dela, indo às aldeias e comunidades ribeirinhas.

Se para Freire (2016, p. 95) “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: homens se libertam em comunhão”, então cada sujeito é um processo singular de libertação no relacionar-se com seus semelhantes. Não bastava ter a rádio. Sempre que tivesse gente falando, mas não apenas um grupo seletivo e determinado, mas toda a comunidade. Uma comunidade de emissores-ouvintes que se libertava em comunhão, libertava-se do sentimento de impotência frente às mazelas que assolavam a vida do povo. Ter uma rádio aberta à comunidade pode libertar as vozes das pessoas, seus desejos, suas

mentes para sonhar e reivindicar. A rádio livre foi ponto de encontro para o diálogo, primeiramente o diálogo no coletivo, posteriormente o diálogo na comunidade. Um diálogo que não se findava em si mesmo, mas que conduzia para a uma reflexão, reflexão que se revela em uma ação que buscava transformar os próprios sujeitos e a comunidade onde viviam.

Para Rancière (2015), a emancipação do indivíduo enquanto sujeito social vem pela sua própria emancipação intelectual, o que pressupõe a igualdade entre as inteligências. Somente um sujeito emancipado intelectualmente pode se colocar de forma autônoma no cotidiano, em pé de igualdade frente aos demais. Nesse sentido, uma sociedade emancipada é uma sociedade de iguais, sem hierarquização de suas capacidades e de suas inteligências, uma sociedade de pessoas emancipadas é como uma sociedade de artistas, livre para criar sem que um se sobreponha a outro.

Por outro lado, uma sociedade embrutecida é aquela que alimenta a convicção das desigualdades entre seus membros justificado pela certeza das desigualdades de suas inteligências. Para o autor o que embrutece o ignorante, também embrutece o sábio: a convicção das diferenças entre as inteligências humanas. Romper com essa convicção não é um movimento puramente pedagógico em busca de um método que o ensine melhor, mas sim uma filosofia de vida. O que poderia fazer a humanidade partindo do princípio que todas as pessoas têm inteligência igual e mesma dignidade? Certamente a sociedade seria pautada em outros princípios. Mas, a sociedade que idealizamos não acontece, o que existe é a sociedade que há, e nela a rádio Voz da Ilha não cabia.

As lideranças das rádios comerciais começaram a notar que a nossa rádio que funcionava dentro de uma escola estava ganhando espaço, estava ganhando voz, alunos estavam ganhando voz, comunitários estavam ganhando voz. Ele foi à escola e intimidou o grupo, mas nós estávamos preparados para isso. Nós rebatemos tudo o que ele disse. Essa intimidação deu certo com a gestora da escola e, a gente foi “convidado” a sair da escola que era um lugar super propício de amadurecimento de ideias e de várias coisas, como as outras rádios livres de outros estados que funcionam dentro de universidades. (Entrevista com Lucas Ramos, 19 de setembro de 2018).

Que mal pode fazer uma rádio construída por jovens dentro de uma escola às rádios comerciais da cidade? Simples: ela pode dar voz às pessoas.

Ter voz é ter direito de questionar, de reivindicar, de se organizar, é poder pensar, refletir sua realidade e procurar meios para mudar as relações desiguais. O encontro entre o coletivo da Voz da Ilha e o diretor da rádio “M” foi um conflito forte. As acusações feitas por ele ao coletivo não se sustentavam, pois o grupo estava bem preparado para esse tipo de confronto. Nesse sentido, as oficinas na escola lhes deram informações sobre o direito universal de todo ser humano na livre comunicação. Mas, a gestora da escola como não estava envolvida no processo da rádio não teve argumentos para contradizer as acusações do diretor da rádio “M” e não permitiu mais a rádio na escola. Ismaely, Lucas e Márcia não destacaram a presença de professores ao lado do coletivo, fazendo pressão para garantir a permanência da rádio na escola.

Depois que a rádio saiu da escola o grupo passou a se encontrar na casa do padrinho de Márcia e fazer sua programação a partir daí. A participação de Ismaely, Lucas e Márcia foi diminuída pelo acúmulo de outras atividades e estudos. Os jovens foram assumindo outros compromissos, na escola, alguns passaram no vestibular, outros viajaram. E o grupo foi parando de reunir. Atualmente não existe mais o coletivo Voz da Ilha no Abial, até que de certo modo eles ainda tem contato, “até certo dia nós tínhamos um grupo no WhatsApp, mas esse grupo desarticulou”. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

2.5. Entre escola, quintais, canoas e comunidades: o que ainda permanece?

O processo de formação de Ismaely enquanto pessoa teve muitas intervenções e influências, seja na família, na escola, no mundo do trabalho. Os relatos que vamos encontrar nessa última seção dizem respeito às influências das experiências no coletivo de rádio livre na vida de Ismaely, como isso se revela nas escolhas que são tomadas em seu cotidiano.

Olhe. Eu percebo que a rádio foi uma chave que abriu uma grande trancadura na minha. Porque eu era uma pessoa muito fechada, tímida para algumas coisas. Eu era tímida para dialogar, para me expressar, para ir atrás do que eu queria, eu tinha baixa-estima. Acho que eu ainda tenho. Esse negócio do primeiro dia de aula: “o que você quer ser?” Eu não acreditava quando falavam. Mas, a rádio me mostrou que era possível algo diferente. Porque nunca eu ia imaginar, que a gente poderia fazer uma rádio nossa para falar daquilo nosso, dos nossos interesses, e direcionar para quem a gente queria que fosse nosso receptor. Foi lá que eu vi que era possível. Eu me recordo de um dia que meu orientador dizer assim para mim algo que eu nunca mais esqueci. Ele me mostrou um registro de pesquisador dele. Eu disse: “nossa! Tu é pesquisador!” Ele disse pra mim: “mas tu também é pesquisadora”. Eu disse: “eu? Sou nada.” Ele disse: “É sim. Tu estás pesquisando na barreira. Então, tu és pesquisadora”. [Ismaely respirou profundamente e disse] Caramba! Eu sou pesquisadora. Eu vi que eu poderia ser o que eu quisesse, porque a gente ta fazendo uma rádio e, rádio eu pensava que era coisa de gente rica e, quem está fazendo somos nós. A rádio é coisa de gente pobre também, é coisa do pessoal do interior, foi por isso que foi marcante para mim ver o pessoal do Amanã fazendo a própria rádio. Ai eu abri meus olhos: “nossa! Esse pessoal que nunca havia visto um computador na vida ta fazendo a própria rádio, então rádio é para todo mundo. E se rádio é para todo mundo é pra mim também. Então as coisas que os outros podem fazer, eu também posso fazer.” Então, acho que a rádio me ajudou muito na minha auto-estima, profissionalmente falando e de maneira acadêmica também, me fez ver além. E não ia ter que ser igual a minha mãe, só uma agricultora, uma vendedora de verdura, ou trabalhar no *bate palma*¹⁷. Eu poderia ser aquilo que eu quisesse, eu era capaz. Porque até lá [participação na rádio livre] eu pensei que as coisas fossem meio limitadas, só vai poder sonhar em ser tal coisa quem for da família tal. Quem nasceu na família que nem eu, a gente tem uma barreira. Mas, a rádio quebrou essa barreira. A rádio quebrou os muros que tinham na minha vida. Eu posso hoje ver assim. Eu paro para pensar sempre. Agora mesmo com a decisão desse meu projeto de estudar medicina na Bolívia é algo que antes eu não imaginava. Para mim era uma profissão de gente rica. Sair do país, eu nunca eu imaginava um negócio desses. Então, eu vejo que a rádio foi essa chave que abriu essa trancadura, esse guindaste que quebrou esses muros e também foi a faca que despregou as rédeas da minha boca pra ir atrás do que eu queria, e fazer o que eu queria. Engraçado que eu estava dentro

¹⁷ Assim são chamadas as lojas do Mercado Municipal. Lá os/as vendedoras ficam na frente das lojas e chamam a atenção dos clientes batendo palmas.

do projeto da rádio livre e não sabia a experiência que eu tava ganhando. (Entrevista com Ismaely, 30 de setembro de 2018).

Conforme Ismaely se recordou e ao mesmo tempo analisou sua trajetória de vida, ela percebeu que a experiência no movimento de rádio livre possibilitou uma nova forma de caminhar na vida. A menina de vida simples no Abial, que passou pela roça fazendo farinha com família, não tinha o que sonhar ou desejar na infância, além que era preciso ganhar dinheiros para sobreviver.

O sonho primeiro de Ismaely era sobreviver às relações de desigualdade social, o empobrecimento de sua família pela exploração da mão de obra na agricultura. As desigualdades lhe levaram a crer que ela era menos, que sabia menos, que não poderia ser mais do que era: “quem nasceu na família que nem eu, a gente tem uma barreira”. (Entrevista com Ismaely, 30 de setembro de 2018).

A certeza que Ismaely alimentava sobre sua própria sociedade vai de encontro com a sociedade embrutecida de Rancière (2015). A sociedade embrutecida é uma sociedade desigual e limitada pelas convicções das desigualdades das inteligências. Aos dotados de inteligência reservam-se os trabalhos intelectuais, o esforço mental, o governo das sociedades; já aos ignorantes reservam-se o trabalho forçado, os ambientes insalubres, serem controlados pelos sábios.

Nas metáforas que Ismaely faz uso, tenta descrever uma libertação constante de seu próprio ser. Como uma delicada chave que contém o decodificar certo para desarmar o bulbo de um trinco. Mas, que ao mesmo tempo faz estremecer as estruturas derrubando tudo aquilo que não lhe permite enxergar mais adiante e lhe possibilitou desejar ser diferente. Embora reconheça que ainda carregue certa baixa estima, ela procura não abaixar a cabeça para as dificuldades, é uma luta constante entre o desânimo e a vontade de vencer.

No último trecho do relato de Lucas, ele revelou algumas decisões que julgou como influenciadora em experiência na comunicação desde o Pescadores de Notícias, passado pela Xibé e continuando no Voz da Ilha.

Estive envolvido nessa área de comunicação livre, de liberdade de expressão há algum tempo e hoje em dia isso através de redes sociais ainda é uma coisa presente na minha vida. Então, estar dentro de uma rádio, estar escrevendo jornal, estar andando com os universitários gerou uma identidade, que as pessoas dizem assim: “olha lá o ‘nerd’”. O que menino que isso..., que aquilo.” Eu não achava aquilo uma coisa ruim. Eu só estudava mais, interagia mais com as pessoas, e fazia coisas diferentes que outros adolescentes da minha idade. Conviver no meio dessas pessoas que tinham uma mentalidade diferente, uma mentalidade mais livre, uma mentalidade mais crítica, também me tornou uma pessoa diferente, não melhor, mas diferente. Mudei como cidadão mesmo. De ser crítico, questionar as coisas que acontecem. De repente saber que você tem o direito de falar, e você ir lá e falar. De você saber que você tem o direito de entrar em algum lugar e, você ir lá e entrar. A questão da oralidade também, isso mudou, a gente leu bastante e escreveu bastante, conversava com as pessoas. Com isso eu fui perdendo o medo de chegar e conversar com as pessoas. Isso era muito difícil. E de mente aberta para as coisas que acontecem, de dizer, de pensar: se acontece é porque tem algum motivo. As pessoas são livres, esse sentimento de liberdade ainda é uma das lembranças mais fortes que eu tenho dessa época. Então, a gente vai abrindo os olhos sobre temas como preconceito, racismo, machismo. Essas coisas acontecem! Quando a gente começa a conviver no meio e as coisas vão acontecendo, pra gente é normal. E aí a gente está no meio de pessoas que esse tipo de comportamento não é normal. Então, acho que isso também influenciou muito minha vida. Da gente ler sobre empoderamento, empoderamento pessoal, empoderamento artístico, de empreendedorismo, que as pessoas podem abrir o seu próprio negócio, que as pessoas têm o direito de trabalhar naquilo que você quer, naquilo que ela gosta, desde que seja sustentável. O cuidado com o meio ambiente, isso é muito importante. Eu trago daquela época, das pautas, das coisas que a gente ia falar na rádio ou escrever pro jornal. Sempre pensava no meio ambiente, sempre pensava no meio ambiente. E aquilo ficou tão normal pra mim, pensar no meio ambiente, que eu já trago pra minha vida. Das atividades turísticas que eu desenvolvo sempre ser sustentável, do lixo que eu to gerando, como que vai agredir? Tentar sensibilizar as pessoas para um uso consciente da coisa [meio ambiente]. Então, eu não consigo contar nos dedos o quanto que esse meio de comunicação livre influenciou na minha vida. Eu sei que influenciou para o bem. E hoje sou uma pessoa bem resolvida e consciente das coisas que eu faço e do que eu falo. (Entrevista com Lucas, 19 de setembro de 2018).

A ação de Lucas nas redes sociais é forte, faz parte do seu cotidiano profissional, mas também de uma rotina iniciada ainda no projeto da escola. Entre as diversas mídias que se apresentam, Lucas se coloca provocando reflexão e debates em suas postagens sobre temas que ele julga importante. Lucas tem consciência de que precisa estar nas redes sociais, embora não tenha controle sobre ela no sentido de que é um espaço livre para a participação de todos, inclusive daqueles que têm manifestações contrárias as suas opiniões.

O que pode justificar a presença de Lucas nas redes sociais de comunicação é a possibilidade dele também manipular informações nessas. Agora mais consciente de que não há mídia ou mensagem pura e sem tendência. Suas interações com as pessoas por meio das redes de comunicação estão a serviço de seu viés ideológico. Ele continuou envolvido nos meios de comunicação para sensibilizar as pessoas a uma causa de cuidado com o meio ambiente, de construções de relações mais justas e menos agressivas. Lucas assume que uma postura crítica nas redes sociais em defesa da vida das pessoas e do meio ambiente.

Ao pintar uma imagem de como as pessoas o viam ele descreve-se como o menino estudioso, que fazia coisas diferentes e que andava com pessoas diferentes, o menino estudioso que falava melhor, que articulava bem os temas e tinha capacidade de interagir melhor na comunidade. Mas, até que ponto as impressões refletem a realidade? Parece-nos que essa imagem é uma criação de Lucas, de como ele se percebia. Ele sentia algo diferente no relacionamento com as pessoas, sentia que era reconhecido como intelectual, crítico e reflexivo.

Márcia dedicou um tempo para falar de sua atuação profissional. O relato aconteceu situando alguns acontecimentos na cidade de Tefé, onde mora atualmente, a cidade de Juruá, onde residiu a sua irmã e depois a cidade de Japurá, onde morou com seu pai.

Foi uma experiência maravilhosa, revolucionadora como eu diria, não tenho nem palavras pra explicar, porque a gente aprendeu tanto, que mudou nossa forma de ser, nossa forma de agir, de pensar. A gente passou momentos maravilhosos. A gente tinha sede de estar lá, de estar fazendo, de estar junto. Porque além trabalhar junto, a gente era amigo, isso era o que ajudava muito. Foi o que mais ajudou a gente. Foi essa parceria nossa: de pensar junto. Era como se a gente já se conhecesse há muito tempo, a gente pensava praticamente igual. Tinha sonhos iguais, desejos iguais. Era como se a gente fosse igual. Era como se a gente fosse só uma pessoa. E isso ajudou muito, os gostos eram iguais. (Entrevista com Márcia Pinheiro, 22 de abril de 2018).

A “experiência maravilhosa” que Márcia viveu dentro do coletivo foi marcada pelo sentimento de compartilhamento de desejos: “tinha sonhos iguais, desejos iguais”. Um coletivo de amigos ou que se fez amigo, juntos em comunhão desejando em comum: “era como se a gente fosse só uma pessoa”.

Ter convergências nas atitudes e desejos comuns ajudava na ação do coletivo, pois somava forças, somava esforços, somava conhecimentos. A vivência na coletividade era vista por ela como um espaço de fortalecimento da ação do coletivo.

Dentro do coletivo, Márcia se sente à vontade, livre para sonhar, pois no coletivo ela se sentia apoiada, valorizada, estimulada. A aprendizagem construída no coletivo se torna marcante pela cumplicidade entre seus companheiros, pelo apoio mútuo. A rádio era o lugar de vivência e estímulos para novos sonhos. Quero trazer aqui uma frase que pode retratar bem o sentimento de Márcia a respeito da vivência no coletivo, do romancista, dramaturgo e poeta Miguel de Cervantes (1547-1616): “quando se sonha sozinho é apenas um sonho. Quando se sonha juntos é o começo da realidade”. A vivência no coletivo é marcada pelo encontro, por estar junto, aprendendo junto, dialogando junto.

Eu fui convidada para trabalhar no Centro de Integração entre as Escolas. Isso aconteceu quando eu ainda estava no Voz da Ilha. Era secretária do projeto Jovem Cidadão na escola. Isso foi no meu último ano na escola. Depois que eu me formei, eu fiz vestibular para Ciências Biológicas, passei. Mas, eu tive que viajar para Juruá. Tive que ir cuidar da minha irmã. Eu perdi a vaga na universidade. Eu perdi também a oportunidade de trabalhar na Secretaria de Educação do Estado. Eles acharam que eu tinha feito um bom trabalho no Jovem Cidadão e me ofereceram esse trabalho, mas eu perdi. Depois de Juruá eu fui para Japurá, junto do meu pai. Lá eu conheci a pessoa com quem tive “junta” [relacionamento matrimonial]. Me tornei empresária do ramo de combustível. Eu tomei de conta da empresa do meu esposo. Eu passei três anos lá. Fui muito reconhecida por isso também. Lá eu tava fazendo Licenciatura em Letras pela UEA. Eu tava indo muito bem. Eu tive que trancar porque eu voltei para Tefé. Não consegui transferir para Tefé. Meu casamento terminou, mas eu continuei sendo representante da empresa do meu ex-esposo. Eu já abri uma empresa de revenda de gás, logo eu estarei com minha própria empresa. Quando eu cheguei lá, a empresa tava bem prejudicada. Daí eu fui trabalhando. Fui conseguindo licitação com a Prefeitura. Licitação com a Câmara. Consegui contrato com umas empresas que chegaram lá no mesmo tempo, umas de transporte, outras de construção. A empresa cresceu muito. Eu vi que isso é uma coisa que eu me dou bem, que eu sei fazer: administração. Eu to querendo estudar administração. Querendo ir para Manaus estudar, mas se eu for preciso levar todos os meus irmãos juntos. Eu cuido deles. Eu sou a mais velha. Todos eles estão sob minha responsabilidade. Seria muito custo. A questão da comunicação me ajudou muito. Eu era muito tímida. E estar na rádio me ajudou muito. Eu precisei do que eu aprendi lá. Porque eu ai conversar com o prefeito, conversava com os vereadores, conversava com o pessoal que eu consegui contrato. Eu soube falar. Antes eu não teria coragem de ir. Eu era muito tímida. E o projeto me ajudou nisso. Tanto o jornal que a gente tinha que fazer a entrevista com as

peças, daí que eu fui aprendendo a tirar a timidez, a vergonha que eu tinha. A rádio me ajudou mais ainda na questão da comunicação. Eu mudei muito depois que eu entrei nesse projeto. Eu quase não tinha amigos, não falava com ninguém. Eu era só na minha, não falava praticamente. Ai eu conheci pessoas, passei a ter amigos e aprendi a falar com as pessoas também. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

A experiência que Márcia desenvolveu a partir do projeto de extensão na escola e principalmente a partir do coletivos das rádios, foi muito importante para que ela pudesse ser uma pessoa mais comunicativa e espontânea. Ir ao encontro das pessoas para a produção do jornal, convidar e receber as pessoas à participação na rádio exigia que Márcia desse o primeiro passo para estabelecer um diálogo com a comunidade.

Deixar a insegurança e partir para o encontro não foi algo simples, pois Márcia era muito tímida e quase não falava com as pessoas e por conta disso levava uma vida com poucos amigos. No coletivo ela encontrou outras pessoas que lhe ajudaram a quebrar esse gelo e vencer a insegurança, a timidez. Na rádio ela “aprendeu” a falar, a argumentar sobre seus assuntos, a escutar o que os outros diziam, aprendeu a necessidade de falar para transformar seus sonhos em realidade.

Quando Márcia precisou falar com o prefeito, com os vereadores e empresários, ela falou e conquistou o que pretendia. Na verdade, Márcia aprendeu negociar pelo diálogo sua própria realidade e seus interesses, administrando um canal de comunicação comunitário. Márcia aprendeu a administrar sua própria vida e ser esteio de sua família. O desejo de estudar e ter um curso superior vem em segundo plano. Em primeiro lugar está sua família. A responsabilidade que ela atraiu para si em cuidar de seus irmãos é o que motiva não ir embora.

Márcia percebeu seu tino para os negócios e se apresentou como uma empresária de sucesso no ramo de combustíveis. Esse ramo não é simples na região, pois exige muita disposição para transportar os produtos pelos longos rios da Amazônia, o que se torna ainda mais difícil no período de seca. Ela entrou na competição com outros empresários e conseguiu sucesso, levantou a empresa quase falida do ex-marido e a colocou em uma situação bem favorável em pouco mais de dois anos. Márcia conseguiu ser uma negociante de sucesso, pois aprendeu a dialogar com as pessoas.

Márcia buscou se libertar de si mesma: de sua timidez, de sua insegurança. Tudo o que Márcia evitava era o encontro, o diálogo: “eu era só na minha, não falava praticamente”. O “só na minha” é uma expressão muito usada entre aqueles que somente observam. É um observar passivo, um observar sem curiosidade, um observar que não leva a lugar algum. A dinâmica do coletivo ajudou Márcia a sair da passividade, sair do “só olhando” e agir. Mas, o agir de Márcia é um agir consciente de suas próprias habilidades, um agir com firmeza e determinação, é o agir de uma pessoa convencida daquilo que lhe pertence: a habilidade para administrar. (Entrevista com Márcia, 16 de fevereiro de 2019).

Hoje pode nos parecer que foi muito simples para Márcia vencer a timidez e a insegurança de falar e chegar à comunidade para produzir um jornal e uma rádio. Mas, ao contar as muitas vezes que em seu relato apareceu a expressão “eu era muito tímida” podemos imaginar que não foi algo simples para ela. Assim como simples não foi ter que aprender sozinha a administrar sua empresa e retirá-la da falência. Mas, com a habilidade de quem venceu a insegurança e sabe se colocar em um debate, Márcia construiu uma carreira muito sólida na empresa. Embora seu casamento chegasse ao fim, a sociedade com seu ex-esposo na administração da empresa continuou muito forte e profissional. Márcia representa a empresa do ex-esposo e lidera os negócios dialogando com os fornecedores, credores, agentes públicos.

Ismaely Lucas e Márcia modificaram as relações que eles estabeleciam com a sociedade, despertou jovens calados e tímidos em falantes ativos, jovens de atuação discreta no bairro em líderes de manifestações populares na cidade, jovens com pouca escolaridade, em oradores de discurso político em diversas frentes, jovens culturalmente destinados a serem ouvintes de rádio, em autênticos produtores de uma ação que, ao mesmo tempo em que, metamorfoseava suas mentes, seus intelectos, alimentou o desejo de modificar, também aqueles que, como eles, fazem parte da massa marginalizada dos microfones oficiais das rádios da Tefé. A socialização dos meios de comunicação perpassou suas trajetórias de vida e possibilitou a construção de novas formas de atuação pela dialogicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aventura intelectual vivida pelos sujeitos dessa pesquisa foi perpassada por elementos que potencializaram sua ação: a atenção e a vontade, tanto no jornalismo, quanto nas rádios. A vontade em conhecer e experimentar coisas novas conduziu os processos que se estabeleceram no caminho que estavam construindo. A existência de explicadores em certos momentos limitou a capacidade dos sujeitos em estarem atentos e motivados a descobrir, isso é percebido claramente nas relações na escola e menos destacada em O Solimões.

No projeto de extensão na escola os jovens eram guiados por um caminho como que de forma linear, pretendendo acumular conhecimentos por meios das práticas de leituras e debates. Nesse valorizando a atenção e vontade individual, despertando autonomia. Em O Solimões o processo é semelhante ao da escola, mas as intervenções daqueles que explicavam foram diminuindo, o que deu mais autonomia para escrever as matérias, autonomia que em determinado momento foi inviolável. No decorrer do processo os jovens precisaram ficar mais atentos para poder manter a motivação, visto que experimentavam mais liberdade para atuarem. E a ação autônoma foi tomando de conta do fazer dos jovens.

Na Xibé não existiu explicadores querendo ensinar o modo de fazer o programa, ou o modo como eles deveriam se comportar. O que existiu são muitas possibilidades convergências para aquilo que eles estavam dispostos a fazer. Ao se depararem com aquela nova linguagem que estava na frente deles, os jovens precisaram ficar atentos para poder interagir como os falantes. Mesmo sem ter experiência no rádio, os jovens inventaram possibilidades de se expressar e fazer de seus programas um canal de diálogo, observando outros movimentos de jovens e influenciados pela experiência do jornal.

Quando eles decidiram criar o grupo Voz da Ilha, já tinham a experiência do jornal da escola e da Xibé. O agir desse grupo carrega em si elementos das experiências anteriores, isso mostra que os jovens estavam atentos ao que faziam e ao logo do processo foram refinando e sistematizando aquilo que lhes interessavam. O coletivo mantém a prática de leituras individuais, as reuniões

para debates sobre os temas que levariam à comunidade e as reflexões sobre a própria ação, mantém a horizontalidade como princípio de organização e o espaço livre para acolher novos interessados.

O acesso aos meios de comunicação foi resultado de um movimento iniciado pelos intelectuais, pelos professores, tanto na escola quanto em O Solimões. Mas, que depois os próprios jovens assumem essa dimensão e se tornam eles próprios os facilitadores da socialização dos meios de comunicação que eles manuseavam. Por não acontecer o monopólio dos meios de comunicação, isso possibilitava que mais pessoas pudessem se aproximar e construir caminhos de emancipação pelo acesso aos meios do jornal e das rádios. Os sujeitos se sentiam livres para falar de suas coisas, debater os seus problemas, mostrar a sua arte quando quisesse.

Muito mais que ter acesso ao rádio, aconteceu a socialização de sua técnica. Conhecer como fazer um transmissor de rádio possibilitou mais independência nas ações dos sujeitos e o uso democrático dessa mídia eletrônica. Independência no sentido que os próprios jovens poderiam construir e consertar o equipamento em caso de defeitos. Ao se apropriar da técnica de construção de minitransmissores de rádio, o coletivo buscou popularizar a técnica incentivando novos processos autônomos no uso do rádio, alimentando os próprios interesses da comunidade.

As mídias de comunicação possibilitaram aos jovens momentos de fortalecimento de suas potencialidades, de forma individual e coletiva, presencialmente e mediados por tecnologia. Isso aconteceu construindo matérias para jornal, manuseando e aprendendo a lidar com todos os equipamentos da rádio. Fazendo programa eles venceram suas inseguranças e seus medos. Instalando a própria rádio nas dependências da escola eles ampliaram o coletivo e depois ganham os quintais e o próprio bairro como coletivo autônomo.

Os processos dialógicos que foram surgindo entre os jovens nortearam suas ações na imprensa que estiveram envolvidos, suas reuniões de para pensar programa na Xibé e até mesmo a articulação para a formação do coletivo Voz da Ilha. A ação dos jovens foi se transformando conforme eles agiram, refletiram e dialogaram sobre suas próprias ações, com os

orientadores no caso do projeto da escola, sozinhos quando passaram a fazer o programa na Xibé e na atuação no Voz da Ilha.

Inicialmente as ações dos jovens se limitavam a um grupo pequeno, mas que vai ganhando a comunidade, à medida que eles se dispõem em criar proximidade entre as pessoas. Já nas as oficinas de comunicação eles preparavam as matérias e refletiam esse processo, levando a repensarem novas formas e meios. Esse modo de fazer os acompanhou na Xibé, e os programas ganham uma dimensão dialógica no estúdio, mas também pretendia ser com ouvintes.

Com o rádio os jovens saem da comunicação face a face que tinham ao fazer as entrevistas para o jornal e nas oficinas de comunicação na escola, possibilitando uma comunicação mais ampla, não se limitando as exigências que o jornal determinava, alfabetização. O diálogo no rádio é mais democrático nesse sentido, pois garante que todos pudessem falar.

A ação-reflexão-diálogo pelas ondas das rádios Xibé e Voz da Ilha ampliou a capacidade de construir processos dialógicos com aqueles que os jovens nem conheciam. A partir da ação das pessoas na cidade, refletem e procuram mudar, gerando novas ações e novas reflexões, na busca de construir uma cidade melhor, pessoas melhores, mais dialéticas. Os jovens não realizam somente socialização dos meios de produção intelectual, mas eles buscam promover a socialização de tais meios quando não monopolizam as mídias eletrônicas aos seus interesses, mas pelo contrário, abrem caminhos para que outras pessoas possam também ter acesso.

A promoção da socialização dos meios de comunicação que eles se apropriaram vai acontecendo à medida que eles passam a refletir mais sobre suas ações: quanto mais dialéticos os jovens se tornavam, mais buscavam socializar os meios de comunicação que construía.

Transformando suas ações por meio da socialização de meios de comunicação, os jovens respondem suas inquietudes, passam a aceitar mais suas incompletudes, como quando Ismaely diz que ainda hoje sofre de baixa estima, ou quanto Lucas diz que é tímido e Márcia diz que ainda não realizou alguns de seus sonhos. Eles estão em processo contínuo na busca dialógica, não estão consolidados plenamente e nunca estarão, pois a emancipação ou libertação dos sujeitos não é ponto de chegada, mas sim o processo de busca.

REFERÊNCIA

BENJAMIN, Walter. **O autor como produtor**. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. In: Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed., trad. de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 120-136.

BRECHT, Bertolt. **Teoria do Rádio**. Revista de Economia Política de Tecnologias de Tecnologia da Informação e comunicação. Vol. V, n. 2, Maio/Agosto, 2003.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo: Conrad editora do Brasil, 2003.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. **Inventando autonomias no Médio Solimões: uma etnografia dialógica da rádio Xibé e suas redes**: 2015. 432f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

FONSECA, Sérgio Luiz de Sousa. **Tirando vendas: convergências midiáticas e humanas nas redes da rádio voz da Ilha de Tefé (AM)**. Monografia de Licenciatura em História. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Tefé. 2015.

MATTA, Roberto da. **O ofício do etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”** In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zaha Editores, 1987. p. 23-35.

NARAYAN, Kirin. **How Native Is a “Native” Anthropologist?** *American Anthropologist*, New Series, Vol. 95, n. 3 (Sep., 1993), pp.671-686.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Conferência proferida nas comemorações dos 40 Anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, em 12 de março de 2014. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Descotidianizar. Extrañamiento y conciencia práctica, un ensayo sobre la perspectiva antropológica**. Em Constructores de otredad. Antropofagia, Buenos Aires, 1999, pp. 194-198.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad. Lílian do Valle. Belo horizonte: Autêntica, 2018.

SANTORO, Luiz Fernando. **Rádio livre: o uso popular da tecnologia Comunicação e Sociedade**. Revista semestral de estudos de comunicação. Ano III, Nº 6, 1981.

SOUSA, Raimundo Medeiros de; FIGUEIREDO Guilherme Gitahy de **Água e farinha no ar: uma experiência interdisciplinar nas batidas da samaúma em Tefé/AM**. In: III Seminário Internacional em Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia, Manaus, 2018. ISSN 2359-5353. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/iisiscultura/trabalho/77278>>.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zaha Editores, 1987. p. 36-46.